



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC  
TURMA III–DANDARA**

**A VARIEDADE LINGUÍSTICA INTERGERACIONAL: DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA  
TEÓFILA AO CONTEXTO FAMILIAR, UM ENQUADRE DE BURITIS - MG.**

**PEDRA GABRIELA CORREA DA COSTA**

**PLANALTINA– DF**

**2014**

**PEDRA GABRIELA CORREA DA COSTA**

**A VARIEDADE LINGUÍSTICA INTERGERACIONAL: DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA  
TEÓFILA AO CONTEXTO FAMILIAR, UM ENQUADRE DE BURITIS - MG.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosineide Magalhães de Sousa

**PLANALTINA – DF**

**2014**

**PEDRA GABRIELA CORREA DA COSTA**

**A VARIEDADE LINGUÍSTICA INTERGERACIONAL: DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA  
TEÓFILA AO CONTEXTO FAMILIAR, UM ENQUADRE DE BURITIS - MG.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2014.

**Banca Examinadora:**

---

**Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/FUP) – Orientadora**

---

**Profa. Doutoranda Ana Aparecida Moura(LIP/UnB)– Examinadora**

---

**Profa. Doutoranda Roberta Rocha Ribeiro (LIP/UnB) – Examinadora**

**PLANALTINA – DF**

**2014**

A Deus...

E aos meus pais:

Marilda e Baltazar (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida sem a qual nada seria possível e também à oportunidade concedida. Mesmo quando achava que era impossível o Senhor dizia: “[...]: “O que é impossível aos homens é possível a Deus”.” (Lucas 18, 27).

A todos e a todas que lutaram, lutam e continuarão lutando pela Educação do Campo.

À minha mãe, Marilda, que me incentivava mesmo quando eu não tinha mais forças e já não acreditava em mim mesma.

Aos meus irmãos, Gabriel e Vânia, em especial a minha irmã pelo incentivo e atenção, sempre à disposição para ouvir minhas angústias e a minha vó Inocência, mesmo sem compreender este processo me impulsionava a trilhar novos caminhos.

In memoriam, a minha avó, Honória e o meu tio, Domingos, que acompanharam parte deste processo.

As parcerias que adquiri nesta trajetória e fez parte deste processo direto ou indiretamente, em especial, ao meu tio Adelaide que me auxiliou em algumas entrevistas.

Aos meus cunhados, Andréia e Luiz, pela colaboração prestada durante a minha formação, cada um à sua maneira e a minha amada sobrinha, Gabryelle Vitória, pelos momentos de descontração ao longo do trabalho.

À turma Dandara pelos momentos proporcionados ao longo deste caminhar e aos GOs pelos quais passei. E as turmas Andréia Pereira dos Santos, Panteras Negras e Zumbi dos Palmares pelas experiências compartilhadas no Tempo Universidade.

Aos educadores ecolaboradores que passaram pela turma Dandara e também as cozinheiras do Colônia, Sabor do Cerrado.

As educadoras Eliete e Rosineide pelo acompanhamento em TC e a Catarina, supervisora do PIBID - Diversidade.

A minha orientadora e educadora Dra. Rosineide Magalhães pelos ensinamentos compartilhados ao longo do curso que extrapolaram a sala de aula, pelo estímulo e paciência na construção deste trabalho.

A educadora Dra. Mônica Castagna Molina que dispôs do seu tempo para ler este trabalho na fase inicial, seguida de sugestões e contribuições valiosas perante a banca de qualificação.

Às educadoras da banca examinadora: MsC.Roberta Rocha Ribeiro e Ana Aparecida Mourapelos aprendizados proporcionados no decorrer do curso e pela disponibilidade em contribuir com este trabalho ao fazerem parte da banca examinadora.

A Escola Municipal Santa Teófila, na qual fiquei inserida de novembro/2009 a outubro/2013, onde realizei os estágios supervisionados I e II e as ações do PIBID – Diversidade que também ocorreram na Escola e na Comunidade, IOE e IOC, em especial aos alunos das séries finais do ensino fundamental e ao professor Leonardo Militão.

A Escola Municipal Nilson Alves de Souza onde concluí os estágios supervisionados III e IV no ensino médio, EJA, no primeiro semestre de 2013 e a professora Mariza. As amizades construídas e edificadas ao longo do curso e em especial as minhas amigas de quarto, Maria dos Reses e Joelice Maia.

Ao grupo de jovens que construímos e dentre as ações produzimos o Documentário, “Juventude Rural: Tradição e Mudança” com apoio da UnB/FUP/CETEC, dos jovens, das famílias, das comunidades camponesas: Nossa Senhora D’Abadia, Nossa Senhora Aparecida e Santos Reis, a produção coletiva, aos documentaristas e a coordenação pedagógica.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação pela bolsa do Programa de Educação Tutorial – PET.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID - Diversidade pelo fomento oferecido às escolas do campo e aos educandos.

E por fim, em especial, aos meus alunos do 8º ano da Escola Municipal Santa Teófila do ano de 2013, juntamente com seus pais e avós que se disponibilizaram a colaborar com este trabalho, sem os quais não seria possível a realização do mesmo.

A todos e a todas meu muito obrigada!

*“Se queremos construir uma sociedade tolerante, que valorize a diversidade, uma sociedade em que as diferenças de sexo, de cor de pele, de opção religiosa, de idade, de condições físicas, de orientação sexual não sejam usadas como fator de discriminação e perseguição, temos que exigir também que as diferenças no comportamento linguístico sejam respeitadas e valorizadas.” (Bagno)*

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. (Cora Coralina)*

*“Coragem! E sedes fortes. Nada vos atemorize, e não temais, porque é o Senhor vosso Deus que marcha à vossa frente: ele não vos deixará nem vos abandonará.”  
(Deuteronômio 31, 6).*

## LISTA DE ABREVIATURAS

APPRVE – Associação dos Pequenos Produtores Rurais do São Vicente da Esquerda  
ASPROVALE – Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Vale do São Vicente  
Cras – Centro de Referência de Assistência Social  
CEBEP – Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
DF – Distrito Federal  
Enera – Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária  
Fonec – Fórum Nacional de Educação do Campo  
FUP – Faculdade UnB Planaltina  
GO – Goiás  
GOs – Grupos de organicidades  
IOC – Inserção Orientada na Comunidade  
IOE – Inserção Orientada na Escola  
LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo  
MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens  
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário  
MEB – Movimento de Educação de Base  
MEC – Ministério da Educação  
MG – Minas Gerais  
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização  
MS – Mato Grosso do Sul  
MT – Mato Grosso  
PIBID - Diversidade – Programa Institucional De Bolsa De Iniciação À Docência  
PROCAMPO – Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo  
PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno  
SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão  
STs – Setores de Trabalhos  
TE – Tempo Escola  
TC – Tempo Comunidade  
TU – Tempo Universidade



UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UnB – Universidade de Brasília

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Unicef – Fundo para as nações Unidas para a Infância

## RESUMO

Este trabalho está alicerçado na Sociolinguística com perspectiva teórica funcionalista e a concepção sociointeracionista com base nos seguintes teóricos: Alkmim (2001), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Carboni (2008) e Vellasco e Sousa (2007). Visa-se a investigação e análise da variedade linguística intergeracional a partir da Escola Municipal Santa Teófila no município de Buritis – MG, através dos Contínuos: Urbanização, Oralidade-letramento e Monitoração Estilística. Tem como colaboradores três alunos do 8º ano de 2013 e suas famílias, ou seja, os avôs e as mães e o contexto de pesquisa gira em torno das comunidades próximas a escola e Buritis. Isso caracteriza esta pesquisa como intergeracional e qualitativa, conforme Creswell (2007) e Sousa (2006). Além disso, esta pesquisa é fruto do movimento da luta por uma Educação do Campo de qualidade e neste trabalho está ancorada, também, pelo Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo (2009) e pelo Dicionário da Educação do Campo (2012). Espera-se que os conhecimentos gerados contribuam para mostrar a importância e a riqueza da oralidade das pessoas mais vividas, pois, elas também têm muito a nos ensinar, mesmo sem o domínio do Contínuo de Monitoração Estilística.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Contínuos. Educação do Campo. Variedade Intergeracional.

## ABSTRACT

This work is grounded in Sociolinguistics with functionalist theoretical perspective and the social interactionist conception based on the following theory: Alkmim (2001), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Carboni (2008) and Vellasco and Sousa (2007). Aims to research and analysis of intergenerational linguistic variety from the Municipal School in the municipality of Santa Teófila Buritis - MG, through the Continuum: Urbanization, Orality-literacy and stylistic Monitoring. Its employees three students of the 8th year of 2013 and their families, ie, grandfathers and mothers and the research context revolves around the nearby school and Buritis communities. This characterizes as intergenerational and qualitative research, as Creswell (2007) and Sousa (2006). Furthermore, this research is the result of the movement of the struggle for a Field Education quality and this work is also anchored by Political Pedagogical Project Degree in Rural Education (2009) and Dictionary of Rural Education (2012). It is hoped that the knowledge generated will help to show the importance and wealth of the orality of the most experienced person, because they also have much to teach us, even without the field of Continuous Monitoring Stylistics.

**Keywords:** Sociolinguistics. Continuous. Field Education. Intergenerational variety.

## NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

Letra maiúscula = ênfase

... = pausa maior

.. = pausa menor

/?/ = fala não entendida

[...] = discurso suprimido

Palavras em itálico: interação do entrevistador com o entrevistado e vice-versa.

Os colaboradores desta pesquisa são identificados pelas iniciais dos nomes para preservar a identidade dos mesmos.

No decorrerem das entrevistas são citados nomes que também apareceram apenas as iniciais para preservar a identidade das pessoas citadas.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO I: METODOLOGIA DE PESQUISA.....	18
1.1 Pesquisa qualitativa.....	18
1.2 Contexto de pesquisa.....	19
1.2.1 Buritis.....	19
1.2.2 Vila São Vicente .....	24
1.2.3 Escola Municipal Santa Teófila.....	26
1.2.3.1 Histórico da Escola.....	27
1.3 Objetivo geral .....	28
1.4 Objetivos específicos.....	28
1.5 Perguntas de pesquisa.....	28
1.6 Pessoas pesquisadas.....	28
1.6.1 Perfil dos pesquisados .....	29
CAPITULO II: A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONQUISTAS.....	30
2.1 Educação do Campo .....	30
2.1.1 Formação de Educadores do Campo.....	33
2.1.2 Licenciatura em Educação do Campo.....	37
2.1.3 Formação por área de Conhecimentos .....	41
2.1.4 Escola do Campo .....	45
2.2 Breve relato da experiência na LEdoC.....	48
CAPITULO III:A SOCIOLINGUÍSTICA .....	51
3.1 Sociolinguística .....	51
3.1.1 Fatores extralinguísticos.....	56
3.1.2 Classificação da variação sociolinguística.....	57
3.1.3 Classificando as variedades linguísticas .....	58
3.2 Os contínuos .....	59
CAPÍTULO IV: A VARIEDADE INTERGERACIONAL NOS CONTÍNUOS.....	63
4.1 Alunos – Filhos.....	63
4.2 Mães.....	64
4.3 Avôs .....	65
4.4 Os aspectos históricos e culturais intergeracionais.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....	74
REFERÊNCIAS:.....	77

APÊNDICES:.....79

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de analisar a variação no português brasileiro de três alunos do 8º ano, das séries finais do ensino fundamental, da Escola Municipal Santa Teófila do ano de 2013, localizada no município de Buritis - Minas Gerais, juntamente com as dos seus pais e avôs, pois, trata-se de uma pesquisa intergeracional num contexto micro.

As razões que motivaram essa pesquisa foram aulas de Linguagens, formação por área de conhecimento, da Licenciatura em Educação do Campo com a educadora Rosineide Magalhães de Sousa, em Tempo Universidade, com ênfase ao estudo da sociolinguística com perspectiva teórica funcionalista, linguagem: oral, escrita, multimodal, etc., como função na sociedade, contextos de uso e a concepção sociointeracionista.

Ao realizarmos o primeiro e o segundo estágio supervisionado, Tempo Comunidade, notamos a ausência da abordagem sociolinguística e conseqüentemente da variação linguística, por que, o livro didático aborda exclusivamente a norma-padrão, no caso, a Gramática Normativa e ignora as demais normas como: a norma vernácula, popular, e a norma culta, diversidade cultural, ao contrário da Sociolinguística que respeita e valoriza a língua materna, ou seja, a língua que cada aluno traz de casa.

O ensino da Gramática Normativa não deveria ser de maneira repetitiva, coberta de preconceito social, com a decoreba de nomenclatura e de maneira descontextualizada. A Gramática não pode ser preconceituosa em relação ao funcionamento da língua, porque, todo ser humano tem capacidade de produzir textos falados e escritos para interagir-se socialmente.

Aprender Gramática consiste em construir o conhecimento gramatical e ter consciência deste saber na produção de textos falados e escritos de forma coerente. A falta de domínio da Gramática e a forma antidemocrática, que em alguns casos é ensinada, evidenciam e fortalecem o preconceito linguístico com a seguinte classificação: “certo” ou “errado” e a não abordagem da variação linguística ressaltam ainda mais este o preconceito com a classificação e exclusão dos alunos.

Os educandos da Escola Municipal Santa Teófila têm acesso permanente ao Contínuo de Monitoração Estilística por meio dos livros didáticos, livros religiosos, televisão, rádio, internet, entre outros, mesmo morando em comunidades campestres.

nas estão próximos de Buritis, uma cidade rurbana, que se tem acesso tanto pela direita do Rio São Vicente, 24 quilômetros e pela esquerda do Rio São Vicente, 33 quilômetros.

Desta forma, esta pesquisa tem o objetivo de valorizar a variação linguística dos estudantes da comunidade local e simultaneamente comparar o modo como eles falam com a variação de seus pais e avôs, através de entrevistas que serão gravadas para ser transcritas posteriormente e analisadas a partir dos Contínuos de Urbanização, Oralidade-letramento e o de Monitoração Estilística.

E para realização deste trabalho utilizaremos os Contínuos para caracterizar a variação linguística como forma de comunicação e por isso transmite todas as formas de pensamento. Sua utilização varia de acordo com a situação ou contexto social, ou seja, do interlocutor – pode ser mais velho ou superior hierarquicamente – do lugar em que se encontra – passeata, entrevista para obtenção de emprego – e inclusive o tema da conversa – bate-papo, audiência. O ambiente pode ser: geográfico, social, psicológico, temporal; e da situação em que os participantes ou interagentes, falantes, interlocutores se encontram utilizando a língua falada na variação mais monitorada ou menos monitorada.

Para fundamentarmos este trabalho utilizaremos os seguintes teóricos: Alkmim (2001), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Carboni (2008) e Vellasco e Sousa (2007) para sociolinguística e a variação linguística; Bortoni-Ricardo (2004; 2005) nos contínuos; na metodologia de pesquisa Sousa (2006) para a etnografia e Creswell (2007) na pesquisa qualitativa e o Dicionário da Educação do Campo (2012) e o PPP (2009) para os seguintes temas: Educação do Campo, Formação de Educadores do campo, Licenciatura em Educação do campo, Formação por área de conhecimentos e Escola do Campo.

Este trabalho, além da introdução, está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo abordaremos a metodologia de pesquisa, pesquisa qualitativa e o contexto de pesquisa. No segundo a Educação do Campo, a formação de educadores do Campo, a Licenciatura e Educação do Campo, a formação por área de conhecimentos e a Escola do Campo. No terceiro capítulo, a fundamentação teórica que embasará esta pesquisa, a Sociolinguística, os fatores extralinguísticos, a variação sociolinguística, as variedades linguísticas e os Contínuos.

No quarto capítulo e último, análise dos dados, analisaremos as falas dos alunos, pais e avôs para localizá-los dentro dos Contínuos e também iremos compa-



rar a variedade linguística dos pais e avôs em relação aos alunos, no caso, os filhos. O objetivo do nosso trabalho é mostrar a variedade linguística dos alunos da Escola Municipal Santa Teófila juntamente com as de seus pais e avôs e a localização nos Contínuos.

## **CAPÍTULO I**

### **METODOLOGIA DE PESQUISA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfica fundamentada por Sousa (2006) e Creswell (2007). Os recursos utilizados nesta pesquisa foram: o metodológico, entrevista gravada e o tecnológico, o gravador de voz. Além do método de pesquisa também abordamos neste capítulo o contexto de pesquisa, o objetivo geral e os específicos, as perguntas de pesquisas, as pessoas pesquisadas e os seus perfis.

#### **1.1 Pesquisa qualitativa**

A etnografia de princípio qualitativo surge na antropologia. Definição de Sousa (2006) para a etnografia “[...] a ciência que estuda, descreve, interpreta e classifica culturas ou povos”. (ibid., p. 7). Em suma a etnografia pode ser entendida como o registro, a escrita ou a descrição feita pelos outros.

A antropologia registra o uso do método etnográfico em seus trabalhos a partir do final do século XIX. Creswell (2007) acrescentam as entrevistas de profundidade e a observação assídua da situação por parte do participante, na busca do quadro completo da visão que as pessoas têm do mundo, aos estudos etnográficos.

Nos dias atuais a etnografia é utilizada por antropólogos, sociólogos, linguistas e também no contexto educacional. Na obtenção de dados em trabalhos etnográficos o pesquisador pode dispor de recursos metodológicos e tecnológicos. O trabalho etnográfico pode ser realizado num contexto macro ou micro. Salaria Sousa (2006) que em ambos os contextos o grau pode ser complexo devido o objeto de estudo escolhido.

Para Creswell (2007) a pesquisa qualitativa emprega diversas formas de conhecimento para coletar e analisar os dados, com base nos dados de texto e imagem. O método investigativo influenciará o procedimento. A pesquisa qualitativa tem origem na antropologia cultural e na sociologia norte-americana. Atualmente foi adotada por pesquisadores educacionais. Tem como objetivo “[...] entender determinada situação social, fato, papel, grupo ou interação” (CRESWELL, 2007, p. 202). Pode-se dizer que é um processo investigativo e de forma gradual para o pesquisador

compreender o objeto de estudo. Mas, é necessário o aprofundamento no cenário escolhido por parte do pesquisador.

Creswell (2007) traz uma síntese das características da pesquisa qualitativa: cenários naturais, baseada em suposições, tem o pesquisador como instrumento primário para coletar os dados, dados descritivos (palavras ou desenhos, em lugar de números), têm como foco as percepções e as experiências dos participantes e a maneira como eles veem a própria vida (múltiplas realidades), compreende todo o processo e o resultado, interpretação ideográfica, projeto emergente, utiliza o conhecimento tácito (intuitivo e sentido), credibilidade coerente, percepção e utilidade instrumental e a integridade pelo processo de verificação.

De acordo com Creswell (2007) a coleta, análise e comunicação de dados são características mais específicas da investigação, originadas na disciplina e passam toda pesquisa. A pesquisa qualitativa dispõe de cinco possibilidades que as identifica: a narrativa e a fenomenologia, para estudar pessoas; estudo de caso e teoria baseada na realidade, para exploração de processos, atividades e eventos e a etnografia, refere-se ao comportamento compartilhado da cultura das pessoas ou grupos. A proposta qualitativa faz a seguinte listagem: a estratégia de investigação, informações históricas da estratégia, estratégia apropriada e a influência da estratégia.

Na pesquisa qualitativa os procedimentos de coletas são divididos em quatro: observações, entrevistas, documentos e materiais audiovisuais. O pesquisador pode utilizar os seguintes procedimentos para registro: protocolo observacional, notas reflexivas, protocolo de entrevista e o registro de documentos e materiais visuais.

## **1.2 Contexto de pesquisa**

### **1.2.1 Bunitis**

Bunitis  
Eu penso em ti  
Nas tuas ruas  
Nas tuas praças  
Nas tuas esquinas  
Nas tuas missas de domingo  
Nas romarias de setembro  
Nas folias de reis  
No rio Urucuaia

No bem-estar do teu povo  
 Com todas as crenças  
 Com todas as ideologias  
 [...].  
 (PRADO, 2002, p. 47).

Segundo Durães (1996) Burithy foi o 4º Arraial nas terras do Noroeste de Minas, precisamente no alto sertão urucuiano com o desbravamento dos bandeirantes pelo território a procura de ouro e pedras preciosas. Também foi denominado por outros nomes como, Porto de Santana, Borithy e Sant'Anna do Burity, mas, alguns destes nomes podem ser apenas lendas, pois, não se tem registro. Os primeiros habitantes eram latifundiários e o sesmeiro, João Ferreira Sarmiento, aparece como um dos primeiros habitantes no ano de 1749, por meio dele oficializa-se a primeira habitação.

Francisco Alvares Carvalho denomina o Arraial de Sítio Burithy e os primeiros habitantes no ano de 1739. Acredita-se que os primeiros habitantes chegaram por volta de 1710 a 1725, após os conflitos dos bandeirantes com os índios tupys-guarany. As primeiras moradias, ou melhor, “[...] os primeiros ranchos de pau-a-pique foram construídos às margens de uma vereda próxima as nascentes do Rio Urucum, afluente do São Francisco [...]”. (DURÃES, 1996, p. 11).

A palavra Urucum foi substituída por Urucuia. Durães (1996) define a origem da palavra Urucuia,

*Urucuia* – Significa águas vermelhas, ou rio vermelho. A palavra é derivada do *urucum*, que é uma planta nativa da região qual produz uma tinta vermelha, usada pelos índios para pintar o corpo [...]. O nome é, portanto, de característica indígena, das tribos Tupinâes, Temiminos, ou dos índios caiapós que habitavam nas Guaíbas, ilha do São Francisco, próximo à Barra do Urucuia. [...]. (ibid., p. 201).

Segundo os registros históricos em 1716 as irmãs Aldonso, Joaquina e Luíza Aldonso, saíram de Paracatu do Príncipe e de São Romão – MG, em busca de ouro encantaram com a beleza do lugar e por isso fundaram o Porto de Sant'Anna. Depois doaram as terras a Nossa Senhora da Pena<sup>1</sup>, Santa de devoção das irmãs, conseqüentemente transformou-se na Padroeira local, com consagração dia 8 de Setembro, a data coincidiu-se com a fundação do Porto.

---

<sup>1</sup>Segundo os relatos, o nome de Nossa Senhora da Pena, fundamenta-se na pena em que ela segurava quando achava a sua imagem, e por isso, passou a denomina-la de Nossa Senhora da Pena. Os devotos tem a santa como a protetora dos intelectuais e escritores.

Devido às dificuldades em aproximar-se do Rio Urucuia, dentre elas podemos citar: as matas, os animais e as doenças, febre amarela, malária e as transmitidas por mosquitos, optaram por construir as primeiras casas as margens da vereda, constituída por um buritizal, que foi acrescentada ao nome do Porto e passou a ser denominado Porto de Sant'Anna do Buriti e se transformou num ponto de referência e refúgio.

A Paróquia Nossa Senhora da Pena em Buritis foi criada em 20 de Novembro de 1805 por Dom Joaquim da Cunha Azevedo, Bispo de Olinda – PE, pela arquidiocese de Paracatu. Em 1830, a hidropisia, conhecida como barriga d'água, alastrou-se causando inúmeras mortes e a migração das famílias. No ano de 1875 o Padre Afonso Ligório foi nomeado para administrar os sacramentos. Dom Joaquim Silvério, Bispo de Diamantina, autorizou aos dominicanos de Formosa – GO o atendimento desta comunidade a partir de 1906.

A partir de 1908, a paróquia passou a pertencer à Diocese de Montes Claros – MG. A primeira viagem de desobriga a Buritis foi realizada aos 13 de junho de 1930 por Frei Miguel. O início da prelazia. Frei Brocado atendeu a região dos anos de 1935 á 1948. Os Freis Carmelitas de Unaí atenderam a prelazia a partir de 1960, celebrando a festa de Nossa Senhora da Pena, no dia 08 de Setembro, com a ministração dos sacramentos.

A cidade de Buritis foi emancipada em 1º de março de 1963 pela lei estadual nº. 2764, de 30 de dezembro de 1962. O nome “Buritis” é devido uma “Veredinha” proxima ao povoado e uma concentração de pés de coco buriti e essas veredas são mencionadas na obra, “Grande Sertão: Veredas”, do escritor mineiro João Guimarães Rosa.

Frei Pio Bars foi nomeado e empossado vigário em setembro de 1963. Além do Frei Pio Bars atenderam a Paróquia Nossa Senhora da Pena os Freis: Frei Cipriano, Frei Cecílio, Frei Anselmo e Frei Vicente. Fixou residência em Buritis, na Paróquia Nossa Senhora da Pena: Frei Vitor Lisboa, Padre José Vicente, Padre José dos Anjos, Monsenhor João César Teixeira de Melo e Padre Welton de F. Lopes.

Buritis está localizado no estado de Minas Gerais, na Mesorregião do Noroeste de Minas, precisamente na Microrregião de Unaí, possui uma área de 5.219,469Km<sup>2</sup> e uma população de 23.091 habitantes, segundo as estimativas populacionais dos municípios em 2012 do IBGE. Fica, aproximadamente, há 722km de

distância da capital mineira, Belo Horizonte e 240 km da capital do Brasil, Brasília, por isso, Buritis juntamente com Cabeceira Grande e Unaí, os três municípios mineiros, fazem parte da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - RIDE<sup>2</sup>.

O município faz divisa com o estado vizinho, Goiás, possui em sua extensão uma parte do Planalto Central Brasileiro, divisa da Região Sudeste e Região Centro-Oeste do Brasil. Dentre os seus habitantes, tivemos tribos indígenas como os Caia-pós, Guaranis e Tupis, antes da colonização e também escravos. Segundo Durães (1996) após a Abolição da Escravatura tinha no Arraial do Burithy aproximadamente 250 escravos que aos poucos foram à procura de novos horizontes, alguns permaneceram com os ex-donos e continuava sustentando os atuais patrões, os antigos coronéis.

Com o fim do Brasil Império, momento crucial, no alto sertão urucuiano para os sucessores africanos que ganhavam a liberdade, os coronéis se revoltam por ter perdidos seus investimentos por causa da Abolição da Escravatura, em 13 de maio de 1888.

Diante dessa reação fria e brutal, o alto sertão urucuiano perdeu muitas dessas famílias negras, que daqui foram embora e juntaram-se a uma tribo nômade que outora viveu vagueando no Vale no Paranã. Parte dessa tribo contribuiu no passado para a fundação do Arraial dos Couros, hoje Formosa-GO. Assim também muitos desses escravos libertos juntaram-se à tribo dos Calungas, que ainda hoje vivem aglomerados no alto sertão goiano, em lugar de difícil acesso, entre as serras e morros dentro de um vale. Do sertão urucuiano levaram apenas na memória triste lembrança que aos poucos ia se desbotando com o tempo. (Durães, 1996, p. 101).

Segundo a história com a Abolição da Escravatura muitos escravos saíram de Buritis e foram para outros lugares de acordo com Durães (1996), e os negros que permaneceram em Buritis foram trabalhar com os fazendeiros, casou-se com brancos e alguns conseguiram controlar algumas terras e se tornaram fazendeiros.

O município é constituído pela cidade, Buritis que é composta por oito Bairros: Canãa, Centro, Israel Pinheiro, Jardim, Estâncias dos Ypês, Planalto, Taboquinha e Veredas; os Distritos: São Pedro do Passa Três e Serra Bonita; Vilas: Vila Cordeiro, Vila Coopago, Vila Maravilha, Vila Palmeira, Vila Rosa, Vila São Vicente e

---

<sup>2</sup>A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno é composta por 22 municípios. São 19 municípios goianos e três mineiros, são eles: Buritis, Cabeceira Grande e Unaí.

Vila Serrana e a Zona Rural, constituídas por assentamentos, chácaras, fazendas e sítios.

A economia do município provém da agricultura, leite, pecuária de corte, comércio local e outras atividades. A região do Noroeste de Minas foi a maior produtora de grãos do estado de Minas Gerais no ano de 2013 seguido pelo Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, e o município de Buritis faz parte da região do Noroeste de Minas e ocupa a quarta posição na produção de grãos do estado de Minas Gerais. E no segmento religião destacamos no município a religião Católica, o Protestantismo, Espíritas e outras religiosidades. Silveira (2006) destaca dez formas de expressão cultural no município,

O artesanato, o Arraiá Público, a curraleira (dança), o doce de buriti (culinária), o Desfile de Sete de Setembro, a Festa de Nossa Senhora da Pena e as folias, de Reis na comunidade Pernambuco, e do Divino Espírito Santo em São Vicente, em Serra Bonita e no Coleginho [...]. (Silveira, 2006, p. 30). [...], a Semana Farroupilha, no mês de Setembro, organizada pela comunidade gaúcha e seu Centro de Tradições Gaúchas (CTG Nova Querência), [...]. [...] a Exposição Agropecuária e a Festa da Safra e Moagem. (ibid., 32).

Além das dez expressões culturais acrescentamos a Festa do Carro de Boi que é uma manifestação cultural e tradicional e mantém viva a tradição dos carreiros. Silveira (2006) conclui: “As influências trazidas pela metropolização do Distrito Federal, bem como pelas migrações de famílias gaúchas e de assentados pela reforma agrária, são evidentes”. (p. 24).

A Paróquia Nossa Senhora da Pena é regida pelo Pároco Padre Régis Antônio Néri Borgese o Vigário Padre Genílson Pereira Barbosa. Através do Decreto N°. 3/2012 foi criada a Paróquia Santa Luzia desmembrando-se da Paróquia Nossa Senhora da Pena. A Paróquia Santa Luzia entrou em vigor no dia 11 de janeiro de 2012 e empossou o primeiro pároco, Padre Rafael Luiz de Souza e atualmente tem como pároco o Padre Rogério Correia de Andrade, sendo assim, o município de Buritis conta com duas paróquias: Paróquia Nossa Senhora da Pena e Paróquia Santa Luzia.

O município de Buritis é administrado por João José Alves de Souza, popularmente chamado de João do Caixão, e o seu vice, João Flávio Apolinário

Braga e o mandato vigora desde 2013 a 2016 e a administração atual tem como tema "Buritis aqui é o meu lugar".

### **1.2.2 Vila São Vicente**

Situada na margem direita do ribeirão São Vicente, possui escolas, igrejas, posto de saúde, centro comunitário, água, luz e é extremamente rica na criação de suínos e bovinos. Suas principais famílias são: Batista da Silva, Correia, Viana, Lima, Alves dos Reis, Lopes de Figueredo, Rodrigues da Costa, Monteiro da Silva, e outras. Possui cercas de 52 casas. Está localizada à distância de 22 km retirados de Buritis, dentro do vale do São Vicente, próximo às propriedades de fazendas dos ilustres senhores Vitalino Fonseca Neto e Edson Valadares de Pimentel e outros. (DURÃES, 1996, p. 211).

A Vila São Vicente foi fundada em 1978 juntamente com a igreja que tem como padroeira Nossa Senhora Aparecida. Em meados do ano de 1980 chegou à energia elétrica e o posto telefônico, sendo fechado por falta de pagamento. A Comunidade fica próxima de Buritis e se tem acesso tanto pela direita do Rio São Vicente, 24 km e pela esquerda do Rio São Vicente, 33 km, sendo três quilômetros de asfaltado até a ponte do Rio Urucuia.

Em seus recursos naturais possui a serra da sacada e do São Vicente, cortado pelo Rio São Vicente e córregos: Santa Marta, Sacada, Bonito, Brejinho, São Sebastião, Capoeira, Sabão e São Gonçalo. Sua vegetação é bastante variada possuindo cerrados e matas onde existe uma fauna já bastante reduzida devido à caça e a pesca predatória e o veneno das lavouras das chapadas poluindo as nascentes e destruindo a fauna e a flora. Na região ainda existem animais selvagens de grande porte, como a onça, o tamanduá e lobo.

A água é encanada por queda livre vindo das nascentes do Rio Brejinho, sem tratamento, abastecem a Vila e os produtores ao seu redor, por falta de tratamento é encontrado na água dejetos de coliforme fecal e resíduo tóxico proveniente das lavouras da chapada. A comunidade não conta com saneamento básico e o lixo é recolhido e jogado a céu aberto. Tem um postinho de saúde com atendimento médico quinzenal e os casos mais graves são encaminhados para Buritis ou Brasília – DF.

A região possui aproximadamente uma população de 800 habitantes sendo que 52% do sexo masculino e 48% do sexo feminino. A maioria habita há vários anos nessa região com predominância da população de cor mulata. A comunidade



possui 124 casas e as principais atividades econômicas são: a agricultura, pecuária, extração de carvão vegetal, comércio de secos e molhados, extração de madeiras, hortaliças e produção de leite. “O cooperativismo na comercialização do leite produz o encontro diário de [...] produtores, daí surgem trocas significativas no campo cultural.” (SILVEIRA, 2006, p.47).

Na região existem várias crenças religiosas sendo predominante a religião católica com aproximadamente 75% da população. Suas principais festas são: Folia do Divino.

A Folia do Divino da Vila São Vicente, que gira na época de Pentecostes (na tradição católica), folia de pé-no-chão, em sua simplicidade e contrição. O casal de imperadores usa coroas feitas de papel, de cor vermelha, predominante no simbolismo do Espírito Santo. Os imperadores são os responsáveis pela organização da folia, por gosto ou promessa. Em São Vicente eles são sorteados a cada ano, fazendo circular entre a comunidade a atribuição de oferecer a acolhida aos foliões. (SILVEIRA, 2006, p. 47).

A Foliade Reis, Festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira local, Festa do Produtor Rural, surgiu em 2004 e geralmente é realizada no mês de maio, valorizando a cultura local com a moda de viola, cavalgada, rodeio, eleição da rainha, entre outras atrações. Esses eventos são algumas das oportunidades de encontrar os amigos e familiares. Para Silveira (2006) a Festa do Produtor Rural, e a Festa da Padroeira, 12 de outubro, também destacam ao lado da Folia do Divino.

Com os avanços tecnológicos veio o transporte escolar dando condições dos alunos fazerem o ensino médio na sede do município. Depois da fundação da vila os produtores preocupados com melhores condições de vida e para melhor serem representados junto aos órgãos públicos criaram o conselho comunitário que foi um avanço na comunidade em questão social. Tendo como fundador e o primeiro presidente o Sr. Sebastião Pereira de Castro.

Em 30 de Agosto de 1994, reunidos no São Vicente da esquerda, na Escola Municipal Adão Correia Viana, Município de Buritis, Estado de Minas Gerais foi feita a primeira Assembleia Geral da Associação dos Pequenos Produtores Rurais do São Vicente da Esquerda, APPRVE, com as seguintes finalidades: fundar a associação, eleger e empossar a diretoria, e elaborar e aprovar o estatuto da associação e que mais tarde, no ano de 1995, se transformaria na Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Vale do São Vicente, ASPROVALE, localizada na Vila São Vicen-

te que também teve como fundador e o primeiro presidente também o Sr. Sebastião Pereira de Castro. O leite é a principal fonte de renda é levado até os tanques de armazenamentos de carroça, caminhão tanque, motos e bicicletas.

A comunidade já teve um vereador, Wonê Alves De Souza, por dois mandatos e também foi primeiro suplente por dois mandatos. É ligada à sede do município pela Rodovia Municipal número 06. O seu principal meio de comunicação é o telefone que fica instalado na ASPROVALE, mas, conta com dois aparelhos que raramente funciona e os celulares que funcionam em pontos estratégicos por falta de uma torre e conseqüentemente interfere no funcionamento de internet. As formas de transportes são os veículos motorizados e de tração animal.

Para que tudo isso fosse possível foi necessário que algumas pessoas abrissem mão de pequenos pedaços de terra para que a vila fosse crescendo, entre eles podemos destacar: Maria Anete Ferraz, Assulino Gomes da Silva, Silvestre da Costa Lima, Júlio Alves de Souza Sobrinho, João Alves de Sousa, Antônia da Costa, Sabino Antonio Lima e Cristino Antonio Lima.

### **1.2.3 Escola Municipal Santa Teófila**

Com a emancipação da cidade Buritis em 1963, o prefeito se preocupou com a educação e saúde do município. Na cidade não havia médicos, o atendimento era dado em Formoso, no estado de Goiás. E com o passar do tempo a população foi aumentando e mudaram-se médicos e farmacêuticos para atender na cidade de Buritis. Entre eles, veio de Brasília, o Dr. José Pereira, farmacêutico conhecido como “Zé Doutor”, que saía para atender pacientes nas fazendas e já levava consigo os medicamentos para usar quando necessário.

A partir desse trabalho o Zé Doutor conquistou várias amizades na comunidade, chegando a se apaixonar pela Senhorita Teófila Rodrigues da Costa com quem viveu uma linda história de amor e chegaram a ficar noivos. Movido por essa paixão o Zé Doutor preocupou em suprir a necessidade educacional da comunidade e providenciou a reivindicação de uma escola pública.

Contando com o apoio do prefeito da época o Sr. João Honorato Primo, conseguiu fundar uma pequena escola multisseriada, funcionando num ranchinho de pau-a-pique, doado pelo fazendeiro Sr. Messias Rodrigues da Costa, pai de Teófila,

por quem era apaixonado. Em homenagem a sua amada deu o nome à entidade de Escola Municipal Santa Teófila.

A primeira professora da Escola foi Sra. Laurinda Alves D'Abadia que iniciou ainda trabalhando jovem, mesmo sem concluir o ensino fundamental, trabalhou com uma turma multisseriada de 20 alunos. Hoje ela é viúva, mãe de três filhos e continua morando na região onde participa ajudando na organização da comunidade.

No final da década de 70, por falta de professor essa Escola fechou, deixando os alunos sem aula. A não existência da escola levou a comunidade a refletir que seria viável a construção de um prédio decente num terreno apropriado que não fosse de favor em nenhuma fazenda. Visavam também um projeto para a construção de uma vila com a finalidade de centralizar a Escola às proximidades das fazendas. Com a união da comunidade e a aprovação do projeto pelo prefeito municipal o Sr. Eliseu Nadir José Lopes a vila foi construída e com ela a Escola que também levou o nome de Escola Municipal Santa Teófila.

A comunidade teve a grande honra em conseguir trazer para lecionar na Escola a Sra. Ana Rodrigues de Sousa, uma velha professora do município de Unaí. Ela criou grandes personagens para animar a criançada, entre elas, “vovó Chica”, a preferida de todos. A professora Ana Rodrigues de Sousa foi também a primeira moradora da Vila, ela realizou junto com a comunidade grandes festas religiosas. Hoje, professora aposentada, continua participando da Escola, fazendo apresentações levando aos alunos personagens da época em que dava aula.

A grande história de amor de José Pereira e Teófila não teve um final feliz, ambos moram em Brasília e cada um construiu sua família, mas, para a comunidade de São Vicente essa história permanece até hoje.

### **1.2.3.1 Histórico da Escola**

Identificação: Escola Municipal Santa Teófila

Ensino Ministrado: Educação Infantil e Ensino Fundamental

Localização: São Vicente

Município: Buritis-MG

Em 1978 foi construída a Escola Municipal Santa Teófila, através de doação de terras por intermédio dos moradores da comunidade em regime de mutirão na administração do Sr. Elizeu Nadir Lopes. Sua criação se deu pela Lei Municipal

n.261/81, autorizada a funcionar de 1ª a 4ª série pela Portaria 001/82, obteve extensão de 5ª a 8ª série pela mesma Lei Municipal 261/81portaria 092/86. A primeira professora da Escola foi a Sra. Ana Rodrigues de Souza.O nome Santa Teófila é em homenagem a uma jovem pela qual o farmacêutico José Pereira, residente até então na Vila São Vicente, apaixonou-se, apesar deste amou não ter-se concretizado.

Diante de toda a contextualização realizada nos primeiros tópicos deste capítulo, passamos aos objetivos geral e específicos, às perguntas de pesquisa, quais norteiam esta pesquisa e uma breve apresentação dos colaboradores.

### **1.3 Objetivo geral**

- Investigar e analisar o modo de falar dos alunos a partir dos contínuos: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística dos educandos do 8º ano da Escola Municipal Santa Teófila, em comparação com o contínuo de pais e avôs.

### **1.4 Objetivos específicos**

- Investigar as falas espontâneas dos alunos do 8º ano.
- Localizar a fala dos alunos nos contínuos.
- Comparar a variedade linguística dos pais e avôs em relação aos alunos.

### **1.5 Perguntas de pesquisas**

- Como está a variedade linguística dos alunos da Escola Municipal Santa Teófila em relação aos pais e avôs?
- Como a variedade linguística dos alunos se localiza nos contínuos: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística?

### **1.6 Pessoas pesquisadas**

Os colaboradores desta pesquisa são três alunos do 8º ano, da Escola Municipal Santa Teófila do ano de 2013. A escolha do 8º ano se deu devido à proximidade ocasionada pelos estágios. Todos os três alunos, duas alunas e um aluno, moravam

em comunidades próximas há escola e após a conclusão do ano letivo uma mudou para Buritise os outros dois permaneceram nas comunidades. Os pais, ou melhor, as mães moram em Buritis, trabalham e contam com o auxílio do programa governamental Bolsa família. Os avôs, dois avôs e uma avó, são legítimos camponeses e tem no campo um aliado no sustento familiar, além de conta com alguma renda fixa como: aposentadoria por idade ou Bolsa família.

### 1.6.1 Perfil dos pesquisados

#### ❖ Alunos

O trio de alunos é composto por duas alunas e um aluno. A aluna (I) P. de 15 anos é amasiada e o aluno (II) P. H. de 14 anos mora com o avô, ambos moram em comunidades próximas entre se e da escola, no caso, a Escola Municipal Santa Teófila onde ainda estudam e a aluna (III) B. de 14 anos mora em Buritis com o pai onde estuda.

#### ❖ Mães

Todas as mães moram e trabalham em Buritis. A mãe (I) I. tem 31 anos e é doméstica; a mãe (II) E. tem 29 anos e é auxiliar de dentista e a mãe (III) S. também tem 29 anos e é pizzaiolae todas contam com o auxílio do Bolsa família.

#### ❖ Avôs

Destacamos a participação de uma avó, sendo o trio de avôs compostos: por dois avôs e uma avó. O avô (I) A. tem 66 anos, viúvo e aposentado; o avô (II) A. G. tem 67 anos e também é viúvo e aposentado, e a avó (III) M. L. tem 47 anos, casada e conta com o auxílio do Bolsa família. O avô (I) mora numa comunidade e o avô (II) e a avó (III) moram na mesma comunidade, ambas próximas entre se e da Escola Municipal Santa Teófila, em suma, todos moram no campo.

Diante de toda a contextualização, a metodologia e o contexto de pesquisa, objetivos geral e específicos, as perguntas de pesquisas as pessoas pesquisadas e os seus perfis, encerramos este capítulo. No capítulo a seguir, abordaremos de for-

ma breve a Educação do Campo e algumas das conquistas que fazem parte dessa trajetória a partir de Arroyo, Caldart, Molina, Sáe no último item do capítulo parte da experiência vivenciada na LEdoC.

## **CAPÍTULO II**

### **A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONQUISTAS**

Para a realização deste trabalho monográfico é essencial falarmos, mesmo que de forma sintética, da Educação do Campo e dos seus desdobramentos como a Formação de Educadores do Campo, a Licenciatura em Educação do Campo, Formação por área de Conhecimentos e da Escola do Campo, sem os quais não existe a Educação do Campo e suas especificidades, perdem os seus ideais de luta e configuram uma educação tradicional. No último item faremos um breve relato, em primeira pessoa, da experiência vivenciada pela autora-ledoquiiana nos últimos quatro anos.

#### **2.1 Educação do Campo**

De acordo com Caldart (2012) a Educação do Campo “[...] nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual* [...]”, (ibid., p. 257), e os trabalhadores do campo e suas organizações são os protagonistas deste fenômeno na intenção de fazer refletir-se sobre a política de educação que inclui os interesses sociais das comunidades camponesas. Caldart (2012) afirma que o conceito de Educação do Campo está em construção e configura-a como categoria de análise da educação dos trabalhadores do campo e a compreensão da realidade que ainda está por vir. A Educação do Campo pode ser traduzida como consciência da mudança.

A expressão Educação do Campo surgiu na Educação Básica do Campo em virtude da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo em Luziânia – GO, de 27 a 30 de Julho de 1998. As discussões da Conferência tiveram início em agosto de 1997, depois do I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária-Enera, realizado pelo MST em julho do mesmo ano e no evento a CNBB, Unicef, Unesco e a UnB, através do Grupo de Trabalho em Apoio à Reforma Agrária desafiaram ao MST a proposição de uma discussão sobre a educação no meio rural brasileiro.

Segundo Caldart (2012) o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - Pronera<sup>3</sup> começa a ser gestado no I Eneer, surge mesmo diante dos desafios e é instituído pelo governo Federal em 1998 e vigora até hoje mediante as fortes tensões. O termo Educação do Campo aparece nas discussões do Seminário Nacional, nos dias 26 a 29 de novembro de 2002, em Brasília e reafirmado na II Conferência Nacional em julho de 2004.

O MST é o protagonista na constituição da Educação do Campo, por meio das lutas, para transformar a realidade educacional especificamente nas áreas de Reforma Agrária pelo conjunto dos trabalhadores. Foram incorporadas as experiências das escolas família agrícola, Movimento de Educação de Base – MEB, organizações indígenas e quilombolas, Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB e organizações sindicais no fortalecimento da educação, porque, não acontece por se só e no âmbito local. Os trabalhadores não lutam somente por educação, mas, por terra, trabalho e território e também entra no debate política pública.

Conforme Caldart (2012) o cenário da Educação do Campo não é novo, a novidade está na forma em que ela vem sendo abordada. A luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito a educação e escola no e do campo.

A luta principal da Educação do Campo tem sido por políticas públicas que garantam o direito da população do campo à educação, e a educação que seja no e do campo: *NO*: as pessoas têm direito a ser educadas no lugar onde vivem; *DO*: as pessoas têm direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. E esta educação inclui a escola: hoje uma luta prioritária porque há boa parte da população do campo que não tem garantido seu direito ao acesso à chamada Educação Básica. (PPP, 2009, p. 6).

Os movimentos sociais questionam a sociedade brasileira. Não faz parte da formação social dos camponeses o acesso à escola? Os trabalhadores do campo não estão inseridos na universalização da educação básica? A nova luta, porém de longa data, inseri a transição do modelo econômico e o papel da agricultura na economia brasileira. Uma década após a I Conferência Nacional o campo reentrou na

---

<sup>3</sup> O Pronera foi instituído em 16 de abril de 1998, por meio da Portaria nº 10/98, do então Ministério Extraordinário da Política Fundiária e obteve autorização legislativa pela Lei n.º 11.9477 – Art.33, de 16 de junho de 2009. Tem como missão superar os altos índices de analfabetismo dos/as assentados/as em áreas de Reforma Agrária e elevar sua escolaridade, utilizando metodologias de ensino contextualizadas à realidade do campo. Desenvolvendo ações de Educação de Jovens e Adultos (EJA) – alfabetização, Ensino Fundamental e Médio; Cursos Profissionalizantes de Nível Médio, Superior e Especialização.

agenda nacional, mas, pelo polo do capital, o qual se denomina agronegócio e intensificou a marginalização “[...] das questões e dos sujeitos originários do movimento por uma Educação do Campo”. (CALDART, 2012, p. 259).

Caldart (2012) relata que a II Conferência Nacional contou com mais de mil participantes de diferentes organizações sociais e escolas camponesas, num total de 39 instituições que assinaram a declaração final, transformou-se num marco com a ampliação dos sujeitos em prol da luta educacional e a integração a Articulação Nacional por uma Educação do Campo. O lema “Educação do Campo: direito nosso, dever do Estado” foi formulado na II Conferência. Ao analisarmos um pequeno trecho da canção “Não Vou Sair do Campo” de Gilvan Santos podemos dizer que ele vai de encontro ao lema da II Conferência: “Não vou sair do campo/ Pra poder ir pra escola/ Educação do campo/ É direito e não esmola [...]”.

Por meio dos debates ficou confirmado o vínculo da Educação do Campo com o trabalho e conseqüentemente os interesses da agricultura camponesa. A partir de 2004 as práticas de educação do campo têm se movido de acordo com as contradições da atualidade, para mais ou para menos conflitos, com as relações do campo, educação e políticas públicas. O extinto da sobrevivência faz que haja o enfrentamento da educação e da agricultura as políticas neoliberais. O Fórum Nacional de Educação do Campo – Fonec foi criado em 2010.

Para Caldart (2012) o Fórum Nacional de Educação do Campo tem como objetivo a retomada da atuação articulada dos movimentos sociais, organizações sindicais e outras instituições, visa-se a participação mais ampla de universidades e institutos federais de educação. O Fonec posiciona-se contrário ao fechamento de escolas e busca construir mais escolas no campo, assumiu coletivamente o compromisso de contrapor ao agronegócio e de combate a criminalização dos movimentos sociais. A conquista do decreto da Presidência da República é mais uma ferramenta de pressão para alterar a situação educacional dos trabalhadores do campo.

De acordo com o modelo dominante a educação rural deve voltar para a agenda do estado e não a Educação do Campo, com o objetivo de capacitar mão de obra para a agricultura com os seus processos de modernizações e relações capitalistas, e por isso não é necessário um sistema público de educação no campo. Essa perspectiva dominante é contrária à articulação que os movimentos dos trabalhadores fazem por outras demandas na concretização de novos projetos.



A Educação do Campo, mesmo em processo de constituição histórica, têm suas características que identificam essa novidade ou a consciência da mudança, conforme Caldart (2012): é uma luta social feita pelos trabalhadores do campo pela educação do campo, educação dos camponeses, constitui a pedagogia do oprimido; a pressão coletiva por políticas públicas específicas a cada local e grupo social, a consciência coletiva e a compreensão; luta-se pela educação e pela terra, Reforma Agrária, trabalho, cultura, soberania alimentar, território, explica-se a origem por meio da relação dos movimentos sociais de trabalhadores; a especificidade da luta e das práticas geradas, seus sujeitos, social e humana; educação de perspectiva emancipatória, projeto histórico, lutas e a construção social e humana; pedagogia específica à realidade, totalidade; a escola é o principal espaço de lutas e reflexão pedagógicas da Educação do Campo, relações sociais; o acesso da educação pública sem a tutela política e pedagógica do estado, e a valorização dos educadores com formação específica.

As características definem a Educação do Campo com a prática social que expõem e confrontam as contradições que a criam. Estas características configuram a como categoria de análise das práticas inspiradas ou não por essa experiência concreta. A realidade educacional da população camponesa pode, em qualquer lugar, ter suas perguntas orientadas pela tríade: campo-educação-política pública. A educação dos trabalhadores, educação do campo, tem como referência de futuro a efetiva universalização do direito a educação e confrontam o impedimento dos trabalhadores não ter pleno acesso à educação básica e para a superação do capitalismo é necessário confronta-lo e obter solução.

A Educação do Campo como práxis pedagógica projeta o futuro com o vínculo essencial entre formação humana e produção material da existência, com intenção educativa voltada aos novos padrões de relações sociais, vinculada as novas formas de produção, trabalho livre, valores e compromissos políticos, as lutas sociais que confrontam as contradições do processo.

A contribuição da Educação do Campo, segundo Caldart (2012), é pensar estes vínculos através da realidade específica como: agroecologia, cooperação agrícola, descentralização das terras e o valor da propriedade privada e a desigualdade social. A vida mesclada com a terra, soberania produtiva de alimentos saudáveis, relações respeitadas a natureza, extinção da exploração entre gerações, homens e mulheres, etnias. O acesso à ciência, tecnologia, cultura, a arte como ferramenta de

desalienação do trabalho na busca do desenvolvimento humano omnilateral, todos os lados ou dimensões. Existem experiências, mas, busca-se a universalização.

### **2.1.1 Formação de Educadores do Campo**

Conforme Arroyo (2012) a Formação de Educadores do Campo se consolida com a Educação do Campo e os movimentos sociais são responsáveis por essa inovação na formação pedagógica e docente. Lutam em prol de uma educação do e no campo em busca de um novo projeto de campo, priorizando “[...] programas, projetos e cursos específicos de Pedagogia da Terra, de formação de professores do Campo, de professores indígenas e quilombolas”. (ARROYO, 2012, p. 359).

Para construir verdadeiramente a formação de educadores do campo o professor deve ser habilitado a partir da diversidade em que se encontra o ser humano em vez de ser capacitado na perspectiva padronizada da educação básica. Em 1940 tentaram formar professores especificamente para as escolas rurais, mas, como todos os professores desenvolvemos mesmos saberes e competência, do ensino fundamental, deviam receber a mesma capacitação mesmo com a diversidade de coletivos humanos.

Segundo Arroyo (2012) nessa perspectiva os cursos de formação voltados para os professores camponeses, indígenas e quilombolas se transformariam em cursos tradicionais e ao chegar ao nível universitário perderiam todas as suas especificidades. A consolidação de escolas de campo só é possível com a superação da formação genérico de docentes através da superação da escola e do professor rural, sem privilegiar a visão urbana que transporta os professores das cidades desvinculados da cultura e dos saberes camponês e tem como consequências a instabilidade do corpo docente e a ausência de um quadro de professores identificados e formados, impossibilitando-lhes o direito à educação básica.

Os movimentos do campo e o Pronera se afirmam “[...] como sujeitos coletivos de políticas de formação de docentes-educadores” (ARROYO, 2012, p. 360). Lutam por terra, território, agricultura camponesa e a Reforma Agrária que defendem os cursos de Pedagogia da Terra e o de formação de professores do campo. Os movimentos sociais pela Reforma Agrária têm os cursos de Pedagogia da Terra como um programa específico de suas lutas.

Arroyo (2012) relata que a formação dos educadores do campo faz parte da demanda dos movimentos do campo na Conferência Nacional de 2004 originado na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação – Secadi/MEC ao Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo – Procampo.

Com a afirmação dos movimentos sociais eles trazem suas marcas políticas para a formação docente e ao perfil docente-educador de toda educação básica, e se transformam em autores-sujeitos políticos de políticas o que interfere na lógica de cima para baixo, obrigando o Estado a repensar suas relações com as suas instituições e os movimentos sociais. O novo currículo de formação dos profissionais camponeses, os sujeitos de políticas, refletirá nas definições e implantações de políticas educacionais tendo como ponto de partida as radicalidades política, cultural e a educacional, oriundos dos movimentos sociais e dos processos de formação como militantes-educadores.

A centralidade dos movimentos sociais nos cursos de formação aparece na política e nos currículos de formação. As demandas dos currículos consolidam a concepção de formação dos (as) professores (as) do campo para todos os profissionais da educação básica de “[...] reconhecer os saberes do trabalho, da terra, das experiências, e das ações coletivas sociais e legitimar esses saberes como componentes teóricos dos currículos”. (ARROYO, 2012, p. 361). Esses aprendizados fazem parte dos cursos de Pedagogia da Terra, e de formação de professores do campo, indígenas e quilombolas, muda a identidade dos cursos de formação e se torna uma política afirmativa dos movimentos sociais.

Os movimentos sociais definem esses cursos como uma política afirmativa que é interpretada como uma ação afirmativa para corrigir a desigualdade dos camponeses a educação básica ea realidade das escolas do campo e de seus profissionais. Compreende-se como política afirmativa de formação ou formação política e identitária de um novo campo que engloba o social, político, cultural e pedagógico, contra a excludente ocultação e a segregação nos processos de dominação-subordinação.

Para Arroyo (2012) as políticas de afirmação repolitiza a política e os cursos de formação docente. A repolitização dos currículos de formação incorpora “[...] o conhecimento dessa história de produção das desigualdades e da história das relações políticas de dominação-subordinação da agricultura, dos povos do campo e de

seus trabalhadores à lógica do capital”. (ARROYO, 2012, p. 362). Se os educadores-docentes incorporar os conhecimentos ocultos desiguais aos currículos de formação estará apto a trabalhar em todas as escolas do campo inclusive nas escolas públicas populares, independente da faixa etária, constituindo-se a concepção plural e ampla de formação.

A contribuição dos movimentos sociais está na concepção educacional que incorpore essa pluralidade dimensional e as funções formadoras. Relacionam-se as funções: educativa, diretiva e organizativa no perfil do docente com ênfase as didáticas que inclui odirecionamento e consolidação da Reforma Agrária e dos movimentos. O vínculo entre educadores e dirigentes aparece no perfil do educador das escolas e na formação.

A política da escola do campo defende uma formação plural e com essa formação envolvendo a escola, currículos e o perfil dos professores do campo os movimentos sociais faz-se “[...] outra concepção de formação para todos os profissionais da educação básica e para todos os cursos de Pedagogia e Licenciatura”. (ARROYO, 2012, p. 363). O Plano Nacional de Formação dos Profissionais da Educação do Campo propõe uma formação que tem como raiz o ser humano juntamente com o seu processo de humanização e emancipação humana.

A superação da fragmentação do conhecimento se dar pela formação por áreas. A concepção que os movimentos sociais constituem a educação-formação prioriza “[...] o direito à formação plenahumana, politécnica, do trabalhador [...]”. (i-bid., p. 364). A educação do campo e a formação de seus profissionais é uma motivação de resistência à fragmentação e se tem a formação total.

[...] o campo não se desenvolve na lógica fragmentada com que a racionalidade técnica recorta as cidades, na qual cada instituição e campo profissional é capacitado para dar conta de um recorte do social. No campo, nas formas produtivas em que os diversos povos se organizam, tudo é extremamente articulado. Os movimentos sociais agem e se estruturam nessa dinâmica produtiva, social, cultural. (ARROYO, 2012, p. 364).

De acordo com Arroyo (2012) a formação de professores do campo tem um acúmulo teórico produzido pelos coletivos dos próprios docentes e dos militantes em formação. Os coletivos de produtores-pesquisadores é uma característica desses cursos em busca do conhecimento dimensional. A Associação Nacional de Pós-

graduação e Pesquisa em Educação –Anpede o XV Encontro Nacional de Didática e prática de Ensino–Endipe, 2010, abriram um espaço para a socialização da produção e concepção da formação dos professores do campo.

Ao entrar na academia essas produções nem sempre são aceitas e reconhecidas como produção teórica. A sua cultura e a experiência de vida são desprezadas. A concepção de formação de educadores do campo propõe superar essas visões e a evolução para dialogar com todos os modos de pensar.

### **2.1.2 Licenciatura em Educação do Campo**

Deacordo com Molina e Sá (2012) a Licenciatura em Educação do Campo é umanovidade em graduação nas universidades públicas brasileiras. O seu objetivo é formar e habilitar educadores para atuar no ensino fundamental, anos final e ensino médio nas escolas de educação básica do campo. A organização curricular se faz em etapas presenciais, semestresem regime de alternância, TE e TC– dois tempos formativos, articulando a educação e a realidade camponesa. De modo que esta metodologia permita que os educandos permaneçam no campo e os professores em exercício continuem no curso e possa atuar como educador em sua comunidade campesina.

A LEdoC vai além das dimensões escolar e por isso aceita todas as dimensões formativas em que se encontram os sujeitos do campo, entende-se como populações do campo:

[...] os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural [...]. (BRASIL, 2012, p. 81).

Que buscam igualdade para a educação escolar no território rural. Mas, os camponeses também lutam pela criação de escolas no campo, o não fechamento das mesmas, ampliação da oferta dos níveis de escolarização e por políticas públicas para a formação dos educadores do campo. A prioridade dos movimentos sociais para a Educação do Campo é “[...] a criação de uma política pública de apoio á formação de educadores do próprio campo”. (MOLINA e SÁ, 2012, p. 466).

Para Molina e Sá (2012) o Procampo é resultado da II Conferência Nacional de Educação do Campo, realizada em 2004 pelo Ministério da Educação via Secadi que no ano de 2005 instituiu um grupo de trabalho com destino à política de formação de educadores do campo. O Projeto político-pedagógico – PPP desta nova modalidade de graduação se efetiva em 2007 a partir do grupo de trabalho criado pelo Ministério da Educação – MEC em parceria com a Secadi, com a participação dos movimentos sociais e sindicais, representantes das universidades e técnicos do Ministério da Educação.

Para estabelecer esta política é necessário que o Estado estabeleça vários elementos, mas, apresentaremos os principais de forma sucinta, a partir de Molina e Sá (2012) como: ações afirmativas direcionadas especialmente aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio; políticas de expansão nas escolas públicas direcionadas para a educação básica no e do campo de forma que garanta a implantação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do campo; formação sólida e inovadora do educador do campo e a organização do trabalho pedagógico com a atuação educativa em equipe e a docência multidisciplinar por área de conhecimento.

Foram desenvolvidas experiências pilotos em quatro instituições públicas de ensino superior, antes da oficialização do Procampo, na Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de Brasília (I turma – parceria com o Instituto Terra), Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal de Sergipe, segundo Molina e Sá (2012). Após estas experiências, nos anos de 2008 e 2009, a Secadi ampliou o lançamento de editais públicos para todas as instituições interessadas nesta graduação. Com a ampla divulgação deste processo no ano de 2011, 30 instituições universitárias ofertaram a graduação em Licenciatura em Educação do Campo, alcançando todas as regiões do país.

Conforme Molina e Sá, (2012) a Licenciatura busca integrar a Educação do Campo e o contexto cultural dos sujeitos envolvidos neste processo formativo, porque, a LEdoC não busca meramente a escolarização, vai além, mantém a identidade do camponês. A proposta da alternância valoriza também a construção do conhecimento dos educandos fora dos espaços formativos, porque, na comunidade onde está localizada as Escolas do Campo também gera aprendizado, pois, temos a produção da vida.

A Licenciatura em Educação do Campo propõe que o educador atue com os movimentos sociais e sindicais para que a formação esteja além da educação escolar e se torne “[...] capaz de compreender e agir em diferentes, espaços, tempos e situações”. (MOLINA e SÁ, 2012, p. 468). Em suma, que o educador seja capaz de articular escola e comunidade. As dimensões formativas da LEdoC são: “[...] preparar para a habilitação da docência por área de conhecimento, para a gestão de processos educativos escolares e para a gestão de processos educativos comunitários”. (ibid. p. 468).

Porém, tem como desafios os processos, metodologias e posturas docentes que dialoguem entre educação e experiência e equilibrem o rigor intelectual e a valorização dos conhecimentos, através das suas práticas educativas e suas vivências socioculturais. Os estudantes da Licenciatura devem apropriar-se dos métodos e estratégias para produzir trabalhos científicos sem rotular a diversidade na produção de conhecimentos e saberes.

Para Molina e Sá (2012) a política de formação de educadores do campo tem como característica a habilitação docente por área de conhecimento para atuar na educação básica, que tem como um dos principais objetivos aumentar a oferta no campo em especial o ensino médio, de maneira que as crianças e jovens do campo possam estudar em suas comunidades, e acrescenta à formação a gestão de processos educativos escolares e comunitários. A formação por área de conhecimento visa mudar a forma de utilizar e de produzir conhecimento no campo.

A Educação do Campo tem como desafio superar a fragmentação do processo de produção de conhecimento e considerar a realidade socioeconômica do meio rural. De acordo com Molina e Sá (2012) a inovação da matriz curricular está na organização dos componentes curriculares: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes e Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Agrárias. Novos espaços curriculares que dialogam entre si e com a realidade. Na tentativa de superar a fragmentação e modificar a maneira de produzir conhecimento na universidade e na escola do campo, e por isso busca-se a compreensão da totalidade e a complexidade presente nos processos reais.

No processo de formação o licenciando deve apropriar-se das bases científicas correspondentes a sua área de habilitação sem restringir as disciplinas convencionais dos currículos da educação básica e superior. Proposta de formação por áreas

tem como objetivo central as questões da realidade a partir da apropriação do conhecimento científico acumulado. Procura-se vincular o conhecimento produzido pela ciência e as questões atuais da vida.

Segundo Molina e Sá (2012) a divisão por área pode ser interpretada como uma forma de organizar o currículo e como metodologia do trabalho pedagógico, e nem por isto está negando o trabalho pedagógico disciplinar. O currículo também pode ser organizado por disciplinas de forma que o trabalho pedagógico envolva as áreas de conhecimento e as práticas interdisciplinares. A organização curricular por áreas pode ser compreendida como uma metodologia escolhida pelo docente na organização do trabalho ao agrupar os conteúdos de ensino ou como organização de estudo, trabalho pedagógico, considera os saberes disciplinares sem centralizar o trabalho pedagógico disciplinar.

Para Molina e Sá (2012) a formação por área é discussão da educação básica camponesa e dos processos de formação dos educadores que serão os construtores das alternativas desfragmentadas. A articulação dos professores das disciplinas com as novas possibilidades pedagógico-didáticas das áreas é essencial e essa contribuição superará a falta que se tem na escola de um docente por disciplina o que em muitos casos dificulta a expansão do ensino médio no campo e inclusive os anos finais do ensino fundamental.

Na sua formação o docente deve ter incluso o estudo das questões da atualidade, em particular a realidade do campo brasileiro atual e projetar a escola com a integração do trabalho e conhecimento, juntamente com as questões da vida real dos sujeitos envolvidos. Uma mudança radical para o nível superior e a educação básica na organização do trabalho docente, dando sentido à proposta da Licenciatura em Educação do Campo que se compromete com as mudanças no processo formativo dos educadores e na gestão das instituições educadoras.

O movimento da Educação do Campo busca a criação de um educador capaz de compreender as contradições sociais e econômicas dos sujeitos do território rural e construtor de práticas educativas que os auxiliem na superação das contradições. A juventude rural tem o desafio de corresponder os esforços dos movimentos sociais e comunidades de origem ao ingressar na universidade e a presença dos estudantes de origem rural causa um impacto na universidade que com as suas políticas afirmativas de direitos permite o seu ingresso.



A Licenciatura também tem outros desafios: a relação não hierárquica e transdisciplinar na produção do conhecimento; ênfase na pesquisa; humanização da docência; visão da totalidade da educação básica e a abordagem escolar, relações internas e o contexto inserido de acordo com Molina e Sá (2012). A LEdoC é um movimento contra-hegemônico das políticas públicas da educação brasileira. Se o Estado é um espaço em disputa a universidade o iguala.

A universidade pública se transformou num espaço contraditório, de um lado, constroem ideologias e hegemonias e de outro, inventa e constrói uma nova realidade social. Mas, é necessário romper com a lógica de formação profissional para o mercado de trabalho e da prioridade a formação humana como agente participativo para construir um novo projeto, com o desenvolvimento do país e o lugar do campo no novo projeto.

A intencionalidade dos movimentos dos camponeses ao acessar o direito a educação é a disputa do espaço acadêmico na produção do saber. O movimento propõe superar as tendências dominantes nas políticas educacional no meio rural brasileiro, porque, elas não atendem as especificidades dos camponeses, em especial a formação dos professores. O avanço das lutas camponesas reflete no processo de educação e de campo e conseqüentemente num projeto de desenvolvimento que emancipe o Brasil.

De acordo com o PPP (2009) a Licenciatura é fundamentada pelas seguintes bases legais: Lei 9.394 de 1996; Parecer CNE/CEB 36/2001 e Resolução CNE/CEB 1/2002 e o Parecer CNE/C 009/2001 e Resolução CNE/CP 1/2002.

### **2.1.3 Formação por área de Conhecimentos**

Conforme Molina e Sá (2011) a Licenciatura em Educação do Campo da UnB/FUP habilita profissionais para atuar na educação fundamental e média e tem como objeto a escola de Educação Básica do Campo. A formação do curso divide-se em duas áreas de conhecimentos, são elas: Linguagens - expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes e Literatura e CIEMA - Ciências da Natureza e Matemática e o educando opta pela área que se pretende habilitar.

O curso está dividido em oito etapas presenciais em alternância, Tempo Comunidade e Tempo Escola, com uma carga horária de 3525 horas/aula e 235 créditos. O curso está organizado em três núcleos de estudos: o Núcleo de Estudos Básicos

= 795 h/a, Núcleo de Estudos Específicos = 1410 h/a e o Núcleo de Atividades Integradoras = 1320 h/a. Cada núcleo está dividido por componentes, prossegue-se de acordo com Molina e Sá (2011).

Compõem os núcleos, respectivamente, os seguintes componentes. Núcleo de Estudos Básicos-Economia Política; Filosofia; Políticas Educacionais; Teoria Pedagógica e Leitura, Produção e Interpretação de Textos. Núcleo de Estudos Específicos -Eixo 1 – Docência por área de conhecimento: Linguagens (Linguística, Artes e Literatura) e Ciências da Natureza e Matemática. Eixo 2 – Gestão de processos educativos escolares. Eixo 3 – Gestão de processos educativos comunitários. E o Núcleo das Atividades Integradoras – Práticas Pedagógicas, Pesquisa, Estágios, Seminários Integradores e Outras Atividades Científico-Culturais.

A partir do Núcleo das Atividades Integradoras concentram-se os objetivos centrais e estratégicos da Licenciatura que é a busca da transformação da escola do campo e dos processos organizativos da comunidade onde geralmente a escola está inserida. Na Licenciatura estes núcleos são trabalhados de maneira interdisciplinar. O PPP (2009) caracteriza a interdisciplinaridade,

[...] como uma estratégia de integração metodológica, seja para fins tecnológicos, epistemológicos, ou pedagógicos, podendo gerar novos campos de conhecimento, ou procedimentos inovadores para responder a novas necessidades sociais. (p. 8).

Nesta perspectiva os eixos e seus componentes estão entrelaçados e voltados para a necessidade do educando, da sua comunidade e da escola de inserção, buscando a transformação na escola e na comunidade. O estudante da Licenciatura deve-se apropriar da lógica da Educação do Campo durante o processo formativo para aplicá-la na prática como educador.

O futuro docente precisa ter garantido em sua formação o domínio das bases das ciências a que correspondem às disciplinas que compõem a sua área de habilitação. Mas sua formação não pode ficar restrita às disciplinas convencionais, na lógica segmentada predominante nos currículos, tanto da Educação Básica como da Educação Superior. Ela deve incluir a apropriação de conhecimentos que já são frutos de esforços interdisciplinares de criação de novas disciplinas, no sentido de que possam se apropriar de processos de transformação da produção do conhecimento historicamente já conquistados. (MOLINA e SÁ, 2011, p. 48).

Para Molina e Sá (2011) a Licenciatura caracteriza-se pela habilitação de docentes por área de conhecimento destinado a Educação Básica e a preparação para gerir processos educativos escolares e comunitários. A habilitação por área de conhecimento tem como um dos objetivos a ampliação na oferta da Educação Básica do campo, em relevância ao ensino médio, para que as crianças e jovens do campo possam estudar no lugar onde vivem e construir processos que mudem a forma de utilizar e produzir o conhecimento no campo. A Educação do Campo tem como desafio superar a fragmentação no processo de produção de conhecimento que se dá pela disciplinarização.

A formação por área resume-se na organização de novos espaços curriculares articulados aos componentes tradicionalmente disciplinares na busca da abordagem ampla dos conhecimentos científicos que dialoguem entre si. Essa metodologia busca superar a fragmentação por meio das disciplinas e a maneira de produzir o conhecimento na Universidade e na escola do campo para compreender os processos encontrados na realidade na sua totalidade e complexidade. A disciplina delimita o estudo por meio de um objeto, mas, as fronteiras são móveis devido às transformações históricas.

As áreas podem ser pensadas como forma de organização curricular, e como método de trabalho pedagógico. Organizar o currículo por áreas (em vez de por disciplinas) não implica necessariamente em negar o trabalho pedagógico disciplinar. Por outro lado, podemos ter um currículo organizado através de disciplinas e realizar um trabalho pedagógico desde as áreas do conhecimento e a partir de práticas interdisciplinares. (MOLINA e SÁ, 2011, p. 49).

Segundo Molina e Sá (2011) o objetivo central do trabalho pedagógico na formação por área de conhecimento é o estudo das questões da realidade a partir da apropriação do conhecimento científico acumulado. E busca um vínculo permanente entre o conhecimento produzido através da ciência e as questões do cotidiano. Precisamos estudar os fenômenos da realidade com toda a sua complexidade de forma que a abordagem compreenda a totalidade, suas contradições e o movimento histórico.

Debate-se a formação por área da Educação Básica nas escolas do campo e os processos de formação dos educadores. Atualmente a formação por área não pode dedicar-se apenas as disciplinas. Os educadores devem construir alternativas

para superar a fragmentação. A desfragmentação ocorre com articulação dos professores das disciplinas e dos novos métodos pedagógico-didáticos da formação por área. Essa nova formação permite a expansão do Ensino Médio e os anos finais do ensino fundamental no campo sem a necessidade de ter um docente por disciplina.

De acordo com Molina e Sá (2011) essa formação deve incluir as questões da realidade brasileira, em especial, a realidade do campo de maneira que haja integração do trabalho com o conhecimento. Propõe-se uma mudança na organização do trabalho docente no nível superior em Educação Básica o que é proposto pela Licenciatura em Educação do Campo que busca inovar no processo formativo dos educadores e na gestão das instituições educadoras.

A interdisciplinaridade na LEdoC se faz também pelos blocos temáticos, a articulação dos trabalhos coletivos entre os docentes, uma metodologia que articula os componentes curriculares com a finalidade de agrupar os conteúdos a partir da afinidade, domínios teóricos e questões propostas pela dinâmica do curso na abrangência da sua territorialidade, a realidade rural brasileira e do Centro-Oeste. Os blocos temáticos são reconstruídos de acordo com a especificidade de cada etapa do Tempo Escola ou Tempo Universidade de acordo com as avaliações e rearticulações. Na tentativa de superar a fragmentação disciplinar e dialogar com os conteúdos do Tempo Universidade e as atividades do Tempo Comunidade.

A partir da observação em relação às percepções dos estudantes a cerca dos conflitos e contradições encontrados nas comunidades e escolas, Tempo Comunidade, fez-se necessário à criação de mais um componente curricular que não estava incluso na matriz inicial do curso, o componente CEBEP - Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular, “[...] que articula a compreensão da realidade brasileira à discussão sobre as estratégias educativas adotadas nas ações de inserção orientada nas escolas e comunidades”. (MOLINA e SÁ, 2011, p. 50).

O componente CEBEP surge com problemática evidenciada nos relatos dos estudantes na inserção orientada na comunidade e escola, que tem como finalidade o fortalecimento da Educação do Campo, dificultando assim o acesso à escola e comunidade. O componente propõe aos estudantes uma visão crítica da correlação de força na comunidade, a relação de poder no sistema escolar e busca estratégias para intervir nesta realidade, conforme Molina e Sá (2011).

A articulação do componente, Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular, em bloco temático acontecem com componentes do Núcleo de Estudos Bá-

sicos, Economia Política e Políticas Educacionais e nas áreas de Linguagens e Ciências Humanas e Sociais. O planejamento de CEBEP depende das atividades do Tempo Comunidade, IOE e IOC, e das contradições abordadas de acordo com as especificidades regionais e locais.

Para promover o direito a educação aos sujeitos do campo no Tempo Escola é acrescentada a formação dos educadores o uso das novas tecnologias. A parceria do programa Territórios Digitais do MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário constituída em 2009 promove no meio rural brasileiro a inclusão digital e com esta parceria as comunidades de inserção dos ledoquianos recebem a instalação de uma Casa Digital, “[...] um telecentro equipado com dez computadores, mobiliário, impressora, webcam e servidor, além de tecnologia de transmissão de voz pela Internet [...]”. (MOLINA e SÁ, 2011, p. 51). As Casas Digitais têm o projeto pedagógico e são espaços públicos e gratuitos para uso em processos educativos relacionados à inclusão digital.

De acordo com Molina e Sá (2011) a Licenciatura trabalha e prioriza a construção da avaliação formativa para que os licenciandos tenham autonomia em relação ao projeto educativo, mas, tem que levar em conta a dimensão do contexto educativo avaliado pelos docentes e discentes. O portfólio foi o instrumento escolhido para registro da avaliação formativa no processo de ensino-aprendizagem e por isso se tornou um instrumento de avaliação e auto-avaliação. Para elaborar o portfólio são propostos alguns critérios, para garantir uma reflexão crítica do processo em que se está inserido, mas, a criatividade e dedicação ficam a critério de quem o elabora.

#### **2.1.4 Escola do campo**

Segundo Molina e Sá (2012) a Escola do Campo é gestada e concretiza-se no movimento da Educação do Campo com as experiências de formação humana desenvolvida pela luta dos movimentos sociais camponeses em busca da terra e da educação. É uma luta contra-hegemônica ao projeto de educação proposto pelo capitalismo a classe trabalhadora. O movimento também engloba a “[...] construção de um projeto de campo e de sociedade pelas forças sociais da classe trabalhadora [...]”. (MOLINA e SÁ, 2012, p. 325).

A luta pela Escola do Campo se dar pelo processo histórico na superação do sistema capitalista de maneira que possam ter acesso ao conhecimento e o direito a escolarização, os quais o agronegócio é contrário. A perspectiva da Escola Unitária de Gramsci também está presente na Escola do Campo na formação humanista omnilateral com a integração do trabalho, ciência e cultura, em prol da formação dos intelectuais da classe trabalhadora.

A formação de sujeitos críticos e capazes de formular propostas ao projeto político concede a escola do campo o valor da sua contribuição no processo amplifiável de transformação social. Desafia-se a gerar uma formação contra-hegemônica capaz: “[...] de formular e executar um projeto de educação integrado ao projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora [...]”. (MOLINA e SÁ, 2012, p. 325). A formação integral dos camponeses envolve a “[...] transformação do mundo e a autotransformação humana”, (ibid.), de modo simultâneo.

[...] a capacidade intelectual não é monopólio de alguns, mas pertence a toda a coletividade, tanto no sentido do acúmulo de conhecimento ao longo da história da humanidade quanto no sentido da elaboração de novos conhecimentos que permitam compreender e superar as contradições do momento presente. (MOLINA e SÁ, 2012, p. 325).

Para Molina e Sá (2012) a escola do campo contribuirá na formação desse intelectual coletivo se houver conexão ao mundo do trabalho e as organizações dos trabalhadores do campo, sejam elas, políticas e culturais. A escolarização, em qualquer nível, deve promover o conhecimento a respeito do funcionamento da sociedade, seus mecanismos de dominação e subordinação característicos, a integração da produção agrícola na sociedade com o sistema de relações e mediações constituído pelo processo de desenvolvimento rural.

A legítima escola do campo propõe a construção de uma prática educativa efetiva no fortalecimento dos camponeses em suas principais lutas. O reconhecimento em marcos legais da escola do campo são algumas das importantes vitórias conquistadas pelas lutas dos movimentos sociais como as Diretrizes operacionais para a educação básica das escolas do campo, de abril de 2002.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza

futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções, exigidas por essas questões á qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2012, p. 33)

O artigo 4º das Diretrizes Operacionais é um instrumento legal importantíssima retirada dos impedimentos na construção de projetos dos movimentos na escola e comunidade, porque, o artigo permite a própria construção do PPP com as concepções educativas do campesinato de maneira que respeite os princípios da Educação do Campo. Alguns dos princípios da educação do campo, “incentivo á formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, [...]”. (BRASIL, 2012, p. 82). Complementa-se por outro princípio,

[...] valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas ás reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas; [...](ibid.).

O decreto nº 7.352/2010, que instituiu a Política Nacional de Educação do Campo, também faz parte das vitórias nos marcos legais, na definição de escolas do campo, “aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo”. (BRASIL, 2012, p. 81). Cabe a escola do campo a desconstrução dos privilégios epistemológicos e enfrentar a hegemonia epistemológica do conhecimento introduzido pela ciência capitalista, pois, o conhecimento científico que a humanidade acumulou não pode ser usado de forma neutra.

De acordo com Molina e Sá (2012) a escola do campo pode contribuir na formação das novas gerações de intelectuais orgânicos com a intencionalidade de conduzir o protagonismo dos trabalhadores camponeses na consolidação do processo social contra-hegemônica. Mas, a escola também tem seus limites em relação aos processos de transformação social.As principais questões da escola do campo devem ser alteradas para que ela possa atuar com os princípios da Educação do Campo.

A transformação escolar tem suas finalidades educativas na formação do ser humano; a colocação político-filosófica das questões, como a vinculação educacional na construção de um novo projeto histórico e a distinção dos objetivos formativos dos objetivos da educação escolar para que haja a vinculação da resposta político-filosófica a respeito da construção do novo projeto de sociedade e da formação das novas gerações no projeto.

Com a conclusão do projeto formativo é necessário à alteração em outras dimensões para que tenha efetivamente a transformação para escola do campo, a respeito das relações sociais vivenciadas na escola; trazer a comunidade para dentro da escola, superar a prioridade que o indivíduo recebe isoladamente e a superação da fragmentação entre o trabalho intelectual e o manual, e da teoria e prática, conclui Molina e Sá (2012).

O fortalecimento das lutas camponesas por meio da escola do campo tem que articular a política-pedagógica escolar e comunitária através do acesso ao conhecimento científico na construção dos espaços coletivos decisivos ao trabalho que será executado e as prioridades comunitárias que a escola pode contribuir. A lógica do trabalho e da organização coletiva também é uma dimensão significativa.

Pela pedagogia do trabalho a escola do campo tem o desafio na transformação das relações e ideologias capitalistas. A escola que trabalha com a política de emancipação da classe trabalhadora tem que ressignificar os valores subordinados ao trabalho pelo capital de forma que aprendemos a viver do nosso trabalho e não do trabalho de terceiros. Na escola do campo a transformação também acontece nos processos de ensino e aprendizados, pois, eles devem estar interligados a realidade do educando.

Conforme Molina e Sá (2012) a escola do campo tem como desafio articular as dimensões formativas, o trabalho com a realidade e a religação da educação, cultura e os conhecimentos científicos, separados pela cultura fragmentada e individual do capitalismo. Temos como exemplo as escolas vinculadas ao MST, em especial, as escolas itinerantes que trabalham com o sistema dos complexos de Pistrak.

A vinculação dos processos de ensino-aprendizagem com a realidade social dos educandos promove a superação da sala de aula que perpassam as quatro paredes e os muros da escola na perspectiva de superar a fragmentação do conhecimento nos processos de ensino-aprendizagem que infelizmente vai além das escolas do campo. A escola do campo contribuirá efetivamente na formação dos intelec-



tuais orgânicos do campo quando mudar a sua relação com a produção do conhecimento e das suas contribuições, auxiliando os sujeitos do campo a resistir ao processo de desterritorialização imposto pelo agronegócio através do acúmulo do capital.

## 2.2 Breve relato da experiência na LEdoC

A LEdoC foi um divisor de águas em relação aos meus conhecimentos, o antes e o depois. O curso oferece uma formação emancipadora com uma perspectiva teórica crítica na construção e formação dos sujeitos em prol de uma nova sociedade. Onde os sujeitos do campo possam fazer suas próprias escolhas de forma autônoma e desalienada, sem depender das escolhas impostas por terceiros. Além de valorizar a identidade cultural de cada sujeito. A Licenciatura é um espaço multicultural com educandos de vários estados, como: DF, GO, MG, MS e MT.

A diversidade proposta pelo curso nos permitiu conviver, aprender e compartilhar um pouco da cultura destes estados ampliando os nossos conhecimentos que vão além dos teóricos. O processo formativo na Licenciatura acontece também fora do TU, porque, tem o trabalho como princípio educativo e o aprendizado também acontecem em outros espaços e tempos como nos alojamentos, GOs, STs e no TC, na IOC e IOE.

A partir das aulas de Linguagens no TU, do estágio e das observações realizadas durante a execução do PIBID<sup>4</sup> no TC, identifiquei o meu objeto de pesquisa. A partir dessas observações e aprendizados o meu trabalho tem como princípio valorizar a língua materna, pois, ela faz parte da cultura da comunidade, porém, isso não significava que nós não precisamos aprender a Gramática Normativa.

Todo educando vai à escola para ter acesso a Gramática Normativa, porque, é seu direito e por isso esse trabalho não tem como objetivo menosprezá-la, ao contrário, mas, partimos dos princípios da Sociolinguística, especificamente da variação do português brasileiro em três no contínuo de monitoração estilística.

A Sociolinguística não classifica a Língua em norma padrão, vernácula e culta, mas, trabalha com o conceito de monitoramento que o interlocutor vai utilizar

---

<sup>4</sup> O PIBID - Diversidade permite aos futuros docentes a possibilidade de atuar na sala de aula antes de concluir a graduação. De maneira interdisciplinar o discente pode colocar em prática o seu conhecimento, acadêmico e empírico, por meios de ações ligadas a sua área de habilitação. A CAPES incentiva à formação através do fomento ao futuro docente e ao seu supervisor.

no seu contexto que varia entre o estilo mais monitorado e estilo o menos monitorado. Para compreendermos a Língua é necessário compreender o contexto que o falante está inserido.

Não cabe a Sociolinguística rotular ou classificar a maneira que o interlocutor fala em certo ou errado, porque, cada um tem sua identidade cultural e a fala é uma forma de expressar a sua cultura. Porém é necessário ter o domínio da Gramática Normativa, pois, na nossa sociedade quem não a domina “a norma padrão” é estigmatizado.

O próximo capítulo trata-se da fundamentação teórica embasada por Alkmim, Bagno e Bortoni-Ricardo para conceituarmos a Sociolinguística e a variação do português brasileiro os quais denominamos Contínuo de Urbanização, Contínuo de Oralidade-letramento e Contínuo de Monitoração Estilística.

## **CAPÍTULO III**

### **A SOCIOLINGUÍSTICA**

Neste capítulo abordaremos a literatura necessária ao nosso trabalho. De forma sintética abordamos a sociolinguística através dos fatores extralinguísticos, variação sociolinguística, variedades linguísticas e a variação no português brasileiro, através de três linhas imaginárias que chamaremos de Contínuos: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística.

#### **3.1 Sociolinguística**

Para Vellasco e Sousa (2007) a linguística subdivide em várias áreas de estudos que estudam os fenômenos linguísticos e o precursor da linguística moderna é o suíço Ferdinand Saussure. “A linguística é a vertente que estuda cientificamente a linguagem humana, descrevendo e explicando como funciona o sistema de uma determinada língua particular.” (ibid., p. 10). A respeito da linguística Vellasco e Sousa (2007 apud LYONS, 1982, p. 54) relata: “A linguística é uma ciência descritiva e não prescritiva porque investiga e registra a fala dos membros de uma comunidade linguística não impondo outras “regras ou normas de correção exógenas”.” (p. 11). Mas, neste trabalho abordaremos apenas a sociolinguística.

A linguagem conforme Vellasco e Sousa (2007) são conceituadas em três vertentes: a concepção tradicionalista – “traduz-se na escola tradicional e na gramática tradicional e normativa”. (p. 14); a concepção estruturalista – “descreve a língua em abstrato, fora de qualquer contexto de uso”. (p. 15); e a concepção sociointeracionista -,

encara a linguagem como uma ação interindividual, finalisticamente orientada. A linguagem é o lugar de interação, que possibilita aos

membros da sociedade a pratica dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. (p.15).

Os atos comunicativos são analisados, na concepção sociointeracionista, de acordo com Vellasco e Sousa (2007) quanto: “à forma e ao conteúdo da mensagem, ao ambiente, aos participantes ou interagentes, aos propósitos verbais, a modalidade, ao canal de comunicação, ao gênero, variedade da linguagem usada e ao nível de fala.” (ibid., p. 16).

De acordo com Alkmim (2001) a Sociolinguística refere-se há uma área da linguística que trata as relações entre linguagem e sociedade, pois, ambas estão ligadas e essa relação é a base da constituição do ser humano. O termo Sociolinguística fixou em 1964. Originado em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Participaram deste congresso os percussores em referências clássicas em estudos relacionados entre linguagem e sociedade, como: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer, José Pedro Rona.

Bright escreve o texto introdutório “As dimensões da Sociolinguística”. Segundo ele, a Sociolinguística tem que “[...] demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social”. (ALKMIM, 2001, p. 28). Relacionando as variações linguísticas de uma comunidade e as diferenças existentes em sua estrutura social como uma sociedade. Para ele o alvo da Sociolinguística é o estudo da diversidade linguística. Em sua obra Bright estabelece um roteiro de fatores para a diversidade linguística, são eles: identidade social do emissor ou falante; identidade social do receptor ou ouvinte; o contexto social e as atitudes linguísticas, (ibid., p. 28-29).

A respeito do surgimento da Sociolinguística Alkmim (2001 apud BACHMAN-Net al, 1981) trazem as seguintes considerações:

“onde vão se encontrar os herdeiros de tradições antigas como a da antropologia linguística – caso de Hymes – ou da dialectologia social – como Labov – e de especialistas da experimentação ou da intervenção social: psicólogos, sociólogos e mesmos planejadores”.(p. 29).

Segundo a análise destes autores a Sociolinguística vai se concretizando no

auge do formalismo. A preocupação relacionada entre linguagem e sociedade é histórica no contexto acadêmico norte-americano, e a oposição da abordagem imanente da língua e a consideração do contexto social são essenciais no campo dos estudos linguísticos. Para Alkmim (2001), a constituição da Sociolinguística se dá através das atividades de vários estudiosos e pesquisadores continuando a tradição do começo do século XX com F. Boas e seus discípulos, Edward Sapir e Benjamin L. Whorf, conhecidos como Antropologia Linguística.

Desde o seu nascimento a origem da Sociolinguística é interdisciplinar. O estabelecimento da Sociolinguística em 1964 é o resultado da atuação de vários pesquisadores articulando a linguagem com os aspectos sociais e culturais. Em 1962 Hymes publica um artigo sobre a Etnografia da Fala, mais tarde denominado Etnografia da Comunicação. O trabalho é interdisciplinar, porque, buscava a contribuição de outras áreas, como a Etnologia, a Psicologia e a Linguística.

Segundo Alkmim (2001), na tentativa de compreender o comportamento linguístico no contexto cultural e definir as funções da linguagem partindo da observação da fala e das regras sociais peculiares a cada comunidade. Hymes, 1972, publica um artigo impactante o “Modelsoftheinteractionoflanguageand social life” estabelecendo os princípios da Etnografia da Comunicação, tanto os teóricos como os metodológicos.

Labov publica em 1963 um importantíssimo trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, trazendo os fatores sociais para explicar a variação linguística, a diversidade linguística observada. Dentre os fatores Labov destaca a idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude no comportamento linguístico apresentado pelos vineyardenses especificamente a pronúncia de determinados fonemas do inglês em New York. No ano de 1964 finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social no inglês de New York.

Alkmim (2001) relata que a preocupação Sociolinguística estava voltada para os fenômenos linguísticos, na sociedade norte-americana, sejam eles teóricos e práticos por isso a formação acadêmica dos pesquisadores era diversificada. Podemos concluir dizendo que a Sociolinguística “[...] é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.” (ibid., p. 31). Que pode ser compreendida como o estudo da língua em todas as dimensões e tem a comunidade linguística como o alvo pelo fato dos indivíduos se relacionarem por meio de redes comunicativas diversas e a orientação do comporta-

mento verbal acontece por um mesmo conjunto de regras. O modo imperativo em português é um exemplo clássico.

Conforme Alkmim (2001) nos trabalhos Sociolinguísticos selecionamos e descrevemos comunidades de fala como cidades, povos ianomâmis, comunidades de pescadores, dos estudantes de Direitos, dos rappers, etc. Podemos dizer que ao estudar comunidade linguística comprovaremos a existência de diversidade ou da variação. A comunidade linguística tem como característica o emprego de diferentes modos de falar, e essa característica na Sociolinguística denominamos variedades linguísticas e o conjunto das variedades linguísticas de uma comunidade é chamado repertório verbal.

Ao observamos qualquer comunidade, perceberemos que o seu repertório linguístico é constituído de variedades linguísticas distintas, por que, os habitantes destas comunidades falam de modos diferentes, por exemplo, por causa da origem regional, classe social, sua ocupação, escolaridade e da situação em que se encontra. Bagno (2007) relata que “o objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social.” (p. 38). Por isso, qualquer língua apresenta variações e sendo assim não podemos dizer que nenhuma língua é homogênea, pois, é representada por um conjunto de variedades. Não separa Língua e variação.

Um dos postulados básicos da Sociolinguística é o de que a variação não é aleatória, fortuita, caótica, - muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores. [...] A Sociolinguística trabalha com o conceito de heterogeneidade ordenada. (BAGNO, 2007, p. 40).

De acordo com Bagno (2007), para os sociolinguísticos, a língua é um processo contínuo, ou seja, está em permanente construção que é coletiva, ao contrário dos gramáticos que domina e exclui algumas formas da língua. “O conceito de variação linguística é a espinha dorsal da sociolinguística”. (ibid., p. 39). Para auxiliar na compreensão da variação linguística, os sociolinguistas criaram conceitos e definições derivados do verbo variar. A mudança linguística ocorre de acordo com os seus falantes e os dicionários e as gramáticas contém uma parte pequena da língua norma padrão que é dogmática e antidemocrática.

A grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um “substantivo coletivo”: debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão a disposição dos falantes.(2007, p. 39).

Conforme Bagno (2007) no Brasil a pioneira na aplicação dos postulados teóricos e metodológicos da Sociolinguística, variacionista e interacional, relacionada à educação em língua materna é a linguista e educadora Stella Maris Bortoni-Ricardo. A linguista desenvolveu um método para estudar a variação linguística nas interações verbais. Com este método, base em três continua, podemos analisar todas as situações de interações verbais. Aprofundaremos mais esse tema no item 3.2.

Temos as variações:

- ✓ Fonético-fonológica –refere-se aos sons, ou seja, as diversas formas de pronunciar uma letra ou palavra, exemplo: a pronúncia da palavra “porta” que pode ter o seu “r” pronunciado de pelo menos três formas dependendo da região do falante - pɔrta, pɔxta e pɔrta– o mineiro pronuncia “r” de maneira mais leve e o paulista de maneira mais forte e alongada.
- ✓ A morfológica – referem-se às palavras diferentes com o mesmo significado, exemplo:Aluno/Filho I: [...] ir pro rio banhar [...]., e a avó III: [...] tinha que buscar água ainda no córrego [...]. Rio pequeno, córrego, riacho, ribeiro.
- ✓ A sintática - refere-se às frases com o mesmo ponto de vista, mas com a organização diferente, exemplos:(Família III) Aluna/Filha: Eu toudando. /Eu estou dando; Mãe:Eu ultimamente quase não tou participando é de nada. /Eu ultimamente quase não estou participando é de nada, e a Avó:Enquanto não tava cuidando deles eu tava socando arroz ou tava buscando água e chegava já tava cansada. / Enquanto não estava cuidando deles estava socando arroz ou buscando água e quando chegava estava cansada.
- ✓ A semântica - uma palavra com vários significados, considerando a origem regional do falante, exemplos: Avó III: [...] socar arroz ni pilão [...]. Socar, pilar e pisar, e [...] era lampião né [...]. Lampião e candeeiro.
- ✓ A lexical - é um conjunto de palavras com o mesmo significado, exemplo: (Família I) Avô: [...] olhar um gadinho pra qui pra culá, uma vaquinha. Gadinho e vaquinha.

- ✓ E a estilístico-pragmática - correspondem as interações sociais que o ambiente exige e a relação dos interlocutores, por exemplo: uma coleta de dados informal ou um depoimento.

A variação estilística refere-se ao monitoramento estilístico que subdivide no monitoramento mínimo, menos consciente, exemplo: uma partida de futebol e o monitoramento máximo, mais consciente, exemplo: tribunal do júri, o monitoramento estilístico varia conforme a situação interacional.

### 3.1.1 Fatores extralinguísticos

Para os sociolinguistas um conjunto de fatores sociais auxilia na identificação dos fenômenos da variação linguística. Bagno (2007) descreve sete fatores.

- ✓ Origem geográfica: a língua varia de acordo com as áreas geográficas, pessoas que nasceram e vivem em lugar diferente de um mesmo estado também sofre influências geográficas e a origem da pessoa que pode ser rural ou urbana.
- ✓ Status socioeconômico: registra as diferenças na fala das pessoas que tem um nível de renda baixo, médio e alto. Bortoni-Ricardo (2004) relata que as desigualdades na distribuição dos bens materiais e culturais, no caso, computador e internet resultam nas diferenças sociolinguísticas, pois, está vinculado ao status socioeconômico. E a distribuição de renda no país não é igualitária.
- ✓ Grau de escolarização: está relacionado ao acesso, maior ou menor à educação formal e conseqüentemente aos letramentos. A qualidade escolar e os anos escolares influenciam o repertório linguístico que resulta do status socioeconômico na nossa sociedade.
- ✓ Idade: refere-se a faixa etária e cada uma tem um modo de falar que designamos diferenças sociolinguísticas intergeracionais.
- ✓ Sexo: homens e mulheres usam a língua de maneira diferente.

[...] homens e mulheres falam de maneiras distintas. As mulheres costumam usar mais diminutivos: [...]. Usam também mais partículas como “né?”, “tá?”, “tá bom?”, que são chamados de marcadores conversacionais e que cumprem várias funções na conversa. No caso dos marcadores que são mais usados pelas mulheres, eles têm principalmente a função de obter aquiescência e concordância do interlocutor. A linguagem dos homens, por outro, é mais marcada pelos palavrões e gírias mais chulas. Mas não se esqueça de que essas



variações entre os repertórios feminino e masculino são relacionados aos papéis que, [...], são culturalmente condicionados. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.47).

- ✓ Mercado de trabalho: é relativo ao meio profissional em que a pessoa convive. O repertório sociolinguístico está condicionado à atividade profissional.
- ✓ Redes sociais: está relacionado aos lugares e as pessoas com quem convivem.

Além da rede social com que o indivíduo efetivamente interage, devemos considerar também o seu *grupo de referência*, pessoas com quem esse indivíduo não interage fisicamente ou por meio de recursos como Internet, telefone etc., mas tem como modelo para sua conduta. Geralmente esse grupo de referência é escolhido pela experiência vicária, isto é, a experiência que o indivíduo adquire assistindo novelas de televisão, filmes ou ouvindo relatos. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.49).

Bagno (2007) afirma que o fator grau de escolarização, segundo as pesquisas linguísticas brasileiras, é o fator social de maior impacto na variação linguística, por que, está relacionado ao fator de status socioeconômico que possibilita o acesso a uma escola de qualidade e o prolongamento no sistema educacional, mas, esses bens sociais estão acessíveis apenas para as pessoas de recursos financeiros mais elevados. Segundo os sociólogos há uma relação entre, escolaridade e ascensão social, pois, as pessoas mais escolarizadas têm os melhores empregos.

Para Bortoni-Ricardo (2004) esses fatores representam os atributos do falante, que pode ser: estruturais, refere-se à individualidade do falante e os funcionais, resultado das interações sociais. A variação linguística tem conexão com os fatores socioestruturais e sociofuncionais. Sem nos esquecer de que “[...] *aquilo que a gente é influencia aquilo que a gente faz*”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49). Os fatores estruturais vinculam aos fatores funcionais nos repertórios sociolinguísticos do falante. No estudo da variação linguística consideramos os fatores da própria língua, ou seja, os fatores linguístico-estruturais são eles: fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, e também discursivos.

Segundo Bortoni-Ricardo(2004) o estudo da variação linguística é complexo, igualmente a própria ação humana, devido os seus fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais.

### 3.1.2 Classificação da variação sociolinguística

Bago (2007) classifica as variações em cinco tipos, são elas:

- ✓ Variação diatópica: compara os modos de falar de acordo como contexto regional. A variação diatópica pode ser associada ao fator extralinguístico origem geográfica.
- ✓ Variação diastrática: compara os modos de falar diferentes classes sociais. Essa variação refere-se ao fator status socioeconômico.
- ✓ Variação diamésica: compara a língua falada e a língua escrita. Analisa o conceito de gênero textual. Nessa variação o fator é o grau de escolarização.
- ✓ Variação diafásica: é a variação estilística, refere-se ao uso diferenciado que o indivíduo faz da língua em relação ao grau de monitoramento de seu comportamento verbal. A variação diafásica está vinculada ao fator idade.
- ✓ Variação diacrônica: é a comparação entre as diferentes etapas do estudo histórico da língua, linha histórica.

### 3.1.3 Classificando as variedades linguísticas

Para Bago (2007) “uma variedade linguística é o modo de falar a língua característico de determinado grupo social ou de determinada região geográfica”. (p. 57) e as “variantes linguísticas são maneiras diferentes de dizer a mesma coisa”. (ibid., p. 57). Ou seja, cada interlocutor tem um modo peculiar de falar devido à variação que pode ser: estrutural, linguística, ou social, extralinguística ou até mesmo os dois e isso não deve ser motivo de estigmatização, pelo contrário, isto faz parte da identidade e da cultura linguística do interlocutor que traz consigo a sua língua materna o que diferencia e caracteriza em relação aos outros interlocutores e os diversos modos de falar.

Este trabalho tem como objetivo valorizar e respeitar os diferentes modos de falar na concepção dos sociolinguistas, pois, a língua, atividade social, é instável e se encontra num processo construtivo, “desconstrução” e “reconstrução” e Bago (2007) compara a língua com as águas de um rio.

O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre montanhas e a se alargar pelas planícies. (ibid., p. 36).

A variedade linguística é um conceito muito importante na sociolinguística, por analisar os muitos modos de falar da língua. Esses modos de falar estão relacionados aos fatores sociais. “Partindo da noção de heterogeneidade, a sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades” (Bagno, 2007, p. 47). Essas variedades têm características próprias que as diferenciam. As variedades linguísticas são designadas por nomes particulares.

- ✓ Dialeto: designa o modo característico do uso da língua num determinado lugar. A sociolinguística designa-o como variedade.
- ✓ Socioleto: designa a variedade própria de um grupo de falantes que tenham as mesmas características socioculturais.
- ✓ Idioleto: designar o modo de falar de um indivíduo caracterizando-o.

### 3.2 Os contínuos

Bortoni-Ricardo (2004) propõe a variação no português brasileiro em três linhas, chamados de Contínuos, são eles: Urbanização, Oralidade-letramento e Monitoração Estilística. Chamamos de contínuos, por que, não existem fronteiras rígidas entre eles e sim uma continuidade devido ao fato de estarem interligados.

- ✓ O contínuo de urbanização: de um lado dessa linha estão os falares rurais mais isolados, devido às dificuldades geográficas de acesso e a ausência dos meios de comunicação e do outro lado os falares urbanos, juntamente com o processo sócio histórico, influenciados pelas agências padronizadas da língua. No âmbito institucional são usados os estilos mais monitorados da língua na modalidade escrita e oral. Há domínios sociais onde predomina a cultura oral, por exemplo, no lar e em outros predominam os domínios da cultura letrada, por exemplo, na escola. Representação do contínuo de urbanização, figura 1.

**Figura 1:** contínuo de urbanização. Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p.52).



rurais isoladas

rurbanas<sup>5</sup>

urbanas padronizadas

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004) de um extremo as variedades rurais isoladas, do outro as variedades urbanas e entre os extremos a variedade rurbana. Analisando o contínuo de urbanização, podemos identificar o falante do português brasileiro em um dos três pontos do extremo: rural, rurbana e urbana, considerando a região onde ele nasceu e vive. E neste contínuo não há separação dos falares rurais, rurbanos ou urbanos.

Os brasileiros nascidos e criados na região rural ou rurbanas, localizados no contínuo de urbanização, usa o sistema linguístico de forma diferente da região urbana. Os falares típicos situados no pólo rural vão desaparecendo á medida que se aproxima do pólo urbano.

Postulo, ainda, ao longo do continuum rural-urbano, a existência de dois tipos de regras variáveis: regras que definem uma estratificação 'descontínua' e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.40).

Bagno (2007) conceitua a palavra continuum: “[...] (uma palavra latina que podemos traduzir, para os nossos objetivos, como “linha contínua”, “sequência que não se interrompe”, e cujo plural é continua, com sílaba tônica no TI).” (ibid., p. 54). Para ele as regras variáveis são definidas como dois grandes conjuntos de traços linguísticos, os traços graduais “[...] aqueles que aparecem na fala de todos os brasileiros, independentemente de sua origem social, regional etc. [...]” (BAGNO, 2007, p. 142), e os traços descontínuos, “[...] aqueles que aparecem principalmente na fala dos brasileiros de origem social humilde, de pouca ou nenhuma escolaridade, de antecedentes rurais etc.” (ibid., p.142). Bagno acrescenta:

Como é fácil imaginar, os traços descontínuos são precisamente aqueles fenômenos linguísticos que sofrem a maior carga de discrimi-

---

<sup>5</sup>Definição de Bortoni-Ricardo (2004) para os falantes rurbanos: “Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidas á influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária.” (ibid., p. 52).

nação e preconceito na nossa sociedade. Por caracterizarem a variedade linguística de falantes com baixo ou nenhum prestígio social, esses traços são rejeitados, repelidos, ridicularizados e evitados a todo custo pelos cidadãos que se acham (ilusoriamente) portadores da língua “certa”. (ibid., p.143).

De acordo com Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004)concluirmos que neste contínuo podemos localizar qualquer falante do português brasileiro a partir dos seus antecedentes e atributos. E as regras fonológicas que caracterizam o nosso português pode ser classificadas emdescontínuas, uso “descontinuado”, apenas nas áreas rurais e recebe maior carga negativa nas áreas urbanas ou graduais, presente nas falas de todos os brasileiros.

E, neste particular, o campo hoje não é sinônimo de agricultura ou de pecuária. Há traços do mundo urbano que passam a ser incorporados no modo de vida rural, assim, como há traços do mundo camponês que resgatam valores sufocados pelo tipo de urbanização vigente. Assim sendo, a inteligência sobre o campo é também a inteligência sobre o modo de produzir as condições de existência em nosso país. (BRASIL, 2012, p. 29).

Na nossa linha imaginária o domínio da cultura de letramento está situado no lado de urbanização e do outro a cultura de oralidade.

- ✓ O contínuo de oralidade-letramento: nessa linha os eventos de comunicações são mediados pela língua escrita, eventos de letramento que são as situações planejadas ou eventos de oralidade, sem o uso da língua escrita, no caso as situações do cotidiano. Representação do contínuo de oralidade-letramento, figura 2.

**Figura 2:** contínuo de oralidade-letramento. Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p.62).



Para Bortoni-Ricardo (2004) não há fronteiras entre os eventos de oralidade e letramento. É o texto escrito que diferencia os eventos sejam eles de letramento ou oralidade.

- ✓ O contínuo de monitoração estilística: situamos as interações totalmente espontâneas até as previamente planejadas e por isso exige muita atenção do falante. Representação do contínuo de monitoração estilística, figura 3.

**Figura 3:** contínuo de monitoração estilística. Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

-----▶  
- monitoração

+ monitoração

Os falantes alternam seu estilo dependendo do grau de monitoração. Estilos monitorados, exigem o máximo atenção e planejamento, cerimoniosos, e estilos não-monitorados, o mínimo de atenção, ou seja, falas espontâneas sem a formalidade da língua. A monitoração depende da situação, ou seja, o grau de atenção e de planejamento exigidos do falante em relação ao seu interlocutor. Enfatizamos a partir de Bortoni-Ricardo (2005) os fatores que contribuem para o grau de atenção e planejamento: a acomodação do falante a seu interlocutor; o apoio contextual na produção dos enunciados; a complexidade cognitiva envolvida na produção linguística e a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005) ao alternamos os estilos, emitimos metagens ou pistas, verbais ou não-verbais com as seguintes informações: estamos brincando, falando sério, ou ralhando. Essa importantíssima variação situa a interação dentro de uma moldura ou enquadre. Que orientam os interagentes sobre a natureza da sua interação.

O capítulo a seguir apresenta a análise dos dados coletados através das três famílias que estão agrupados em três gerações: três avôs, três mães e três filhos, no caso, duas filhas e um filho. A análise tem como objetivo dar um retorno aos objetivos específicos e às perguntas de pesquisas.

## CAPÍTULO IV

### A VARIEDADE INTERGERACIONAL NOS CONTÍNUOS

Neste capítulo analisaremos os dados para localizarmos as falas dos três alunos/filhos do 8º ano do ensino fundamental, séries finais, da Escola Municipal Santa Teófila do ano de 2013 e também dos seus pais e avôs nos Contínuos e compará-los entre as gerações. Porém, todos os registros das entrevistas são orais, pois, não foram feitos registros escritos e a partir das transcrições faremos as análises. Como as entrevistas foram gravadas nem todos os colaboradores sentiram à vontade para construir um diálogo mais extenso e se limitaram ao dialogarmos.

#### 4.1 Alunos – Filhos

Exemplos de Contínuos			
Alunos	Urbanização	Oralidade-letramento	Monitoração Estilística
Aluna I	Ichi, eu acho que as escolas, ele mesmo falava direto pra mim que o sonho dele era estudar e não tinha como né na época dele e hoje tem né ele fala muita coisa. Muncado, mais melhor.	Muito, muito, gosto parece ser, tranquilo, assim. Ichi um mucado de coisa ichi amarelinha, escolinha já brinquei de um muncado de coisa De ir pra iscola todo dia. Ingreja eu também gosto de ir muito.	[...] gosto parece ser mais melhor. Só o meu pai, a minha mãe não.
Aluno II	Na época dele diz que pra ir para escola era complicado, não era fácil não. É bão. Jogar bola, andar a cavalo, ir pro rio banhar.	Ter um mucado de filho, <i>mais</i> , guentar-trabalhar. Ahrã.	Ajudo ele ai em algumas coisas que da pra ajudar. O meio de transporte do meu avô.
Aluna III	Só as mensagens que chega no celular. Só dentro de casa mesmo assistindo televisão a única coisa.	Hum rum. Ahrã.	UAI! Eu tou dando. Seis anos. Algumas e a professora ainda bota a gente pra ler valendo ponto ainda.

### Localização nos Contínuos

#### ❖ Alunos – Filhos:

- ✓ Contínuo de Urbanização: + rural -----○----- + urbano
- ✓ Contínuo de Oralidade-letramento: + oralidade-----○----- + letramento
- ✓ Contínuo de Monitoração Estilística: - monitorado-----○----- + monitorado

A aluna (I) usa as palavras: ichi, mucado, muncado, iscola, ingreja e mais melhor, que variam em relação a localização nos contínuos. Podemos dizer que estas palavras fazem parte de todos os contínuos, especificamente ao contínuo de urbanização situado na região rural. As palavras ichi, mucado e muncado fazem parte do contínuo de oralidade/letramento situado no pólo da oralidade e o mais melhor refere-se ao contínuo de monitoração estilística no estilo não-monitorado.

O aluno (II) utiliza a palavra bão que situa na região rural do contínuo de urbanização. E as palavras: mucado, guentar e ahrã situa no pólo da oralidade e o guentar também localiza no estilo menos monitorado juntamente com o ajudado ele. As palavras da aluna (III) hum rum e ahrã localiza-se na região rural, e no pólo da oralidade e eu tou dando e bota no contínuo de monitoração estilística sem monitoração.

## 4.2 Mães

Exemplos de Contínuos			
Mães	Urbanização	Oralidade-letramento	Monitoração Estilística
Mãe I	Ichi .. igual assim, antigamente não tinha um transporte pra você andar hoje tem, tem muitas coisas fácil hoje.	Banho de rio. Ichi, hoje tá fácil em tudo né a gente que num.	Eu ultimamente quase não tou participando é de nada. Eu sou doméstica.
Mãe II	Então ele fala sim, agora deu tava falando que quiria até vir embora agora porque para trabalhar sabe.	Minha vida ta corrida viu. Minina de Deus. Tou fazendo assistente público. Tava falando que quiria.	[...] hoje pra poder fazer uma faculdade ta tão fácil. [...]. [...] agora mesmo esse tanto de curso, minina de Deus, tou fazendo assistente publico mesmo não paguei foi nada por ele.



Mãe III	Celular eu fui ter meu celular tava com vinte anos. Os pais da gente antigamente eram muitos rígidos a gente não podia assistir uma televisão.	Ahrã. Hum rum. Oxê.	Eu levanta eu levantava três horas da manha para ir para ir tirar leite. Ah meu meus pais são daqui mesmo Gabriela.
---------	--	---------------------	---

As mães preocupam-se em monitorar as suas falas, mas, nem sempre consegue faz o uso constante da monitoração como fica evidente nos trechos acima. A mãe (I) usa a palavra ichi que encaixa na região rural do contínuo de urbanização e no pólo da oralidade do contínuo de oralidade/letramento e neste contínuo situamos também a palavra riu. No contínuo de monitoração estilística ela usa a expressão “tou” que equivale ao verbo “estou” no estilo não-monitorado.

As mães (II, III) situam na região rurbana e urbana do contínuo de urbanização. Há variação no contínuo de oralidade/letramento, a mãe (III) situa no pólo da oralidade e a mãe (II) oscila no pólo da oralidade e letramento. Quanto ao contínuo de monitoração estilística elas tentam se monitorar, mas, fica no intermediário, no estilo menos e mais monitorado, o que em alguns trechos o discurso apresenta-se de forma mais monitorada, que pode ter sido influenciado pelo contexto social, pois, apenas a mãe (II) concluiu o ensino médio.

#### Localização nos Contínuos

##### ❖ Mães:

- ✓ Contínuo de Urbanização: + rural -----○----- + urbano
- ✓ Contínuo de Oralidade-letramento: + oralidade-----○----- + letramento
- ✓ Contínuo de Monitoração Estilística: - monitorado-----○----- + monitorado

### 4.3 Avôs

Exemplos de Contínuos			
Avôs	Urbanização	Oralidade-letramento	Monitoração Estilística
Avô I	Miora; em diente; pra qui pra culá;pantar.	Mucado de minino.Miora. Ai mãe veio embo-ra cá para o Bonito pantar a mãe dela.	Umas duas pou-ca.Nasci e criei na roça.

Avô II	A miorou muito eu pra mim miorou muito né porque do tempo nosso. Meu filho vamos-trabaiar vão trabalhar.Sótrabaiá, trabaiá.	Uai eu vi aos tom-bos de lá pra cá aqui até chegar ai eu vim. Vamos pagar pro-fessore. Pra que pra culá lá.	Mexo com umas rocinhas pra que pra culá lá naquele labuto de .. dede trem não faço quase nada, mas, sempre né naquele labuto né.
Avó III	O meu irmão era piquinho tinha que levar ele também a bacia de roupa e ele despendurado, esganchado. Nós.	Vim piquena. socar arroz ni pilão. E trouxe o meu pai e meus avôs pra qui ai nós veio todo mundo pra cá.Quando precisava de alguma coisa tinha que correr e erumar.	E nós ficou por aqui mesmo. Não eu trabalhei fora uma vez, mais a minha tia a que faleceu, trabalhava até mais num restaurante mais ela, <i>hum</i> , depois não guentei ficar lá e vim embora.

#### Localização nos Contínuos

##### ❖ Avôs:

- ✓ Contínuo de Urbanização: + rural -----○----- + urbano
- ✓ Contínuo de Oralidade-letramento: + oralidade----○----- + letramento
- ✓ Contínuo de Monitoração Estilística: - monitorado-----○----- + monitorado

As palavras, do avô (I), miora, em diente, pra qui, pra culá e pantar localizam na região rural do contínuo de urbanização, no pólo da oralidade do contínuo de oralidade/letramento e no estilo menos monitorado do contínuo de monitoração estilística. O avô (II) fala: “A miorou muito eu pra mim miorou muito né porque do tempo nosso [...]”. Passa por todos os contínuos nas seguintes localizações: na região rural, no pólo da oralidade e no estilo não-monitorado. Ao observamos a fala da avó (III), “[...]o meu irmão erapiquinhotinha que levar ele também a bacia de roupa e ele despendurado, esganchado [...]”, fazemos a mesma análise dos avôs (II e III), o fator sexo não interfere na localização dos contínuos.

Ressaltamos que fizemos essa pesquisa apenas com três famílias e por isso não significa que todos os demais, alunos/filhos, mães e avôs, das comunidades se encaixem perfeitamente nesta classificação, e por este motivo não devemos generalizá-los, por que, envolvemos um contexto micro e chegar a tal conclusão seria uma irresponsabilidade da nossa parte, e como as entrevistas foram feitas de maneira informal, procuramos deixar o entrevistado/colaborador bem à vontade, para falar

à sua maneira habitual para não interferir no resultado final, já que a nossa proposta era analisar as falas espontâneas dos mesmos.

Ao analisarmos os dados chegamos a seguinte conclusão: os alunos/filhos e as mães localizam praticamente na mesma classificação, apesar dos alunos/filhos estar cursando o 9º ano e apenas uma mãe concluiu o ensino médio. As mães e os filhos em relação ao contínuo de urbanização estão situados na região urbana com variações à região urbana, já que todas as mães moram em Buritis e a filha (III) também, e os filhos (I) e (II) moram em comunidades rurais, porém tem acesso a norma padrão. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004) a ruralidade está associada aos migrantes de origem rural com os seus antecedentes, em especial o repertório linguístico, residentes em núcleos semi-rurais e recebem influências urbanas.

Quanto ao contínuo de oralidade/letramento situamo-los no pólo da oralidade, porque, gravamos o diálogo e não fizemos o uso do texto escrito o que diferi a oralidade do letramento, porém eles fazem parte dos eventos de letramento por terem acesso à escrita e a leitura. E no contínuo de monitoração estilística estão localizados no estilonão-monitorado, “realizados com um mínimo de atenção à forma da língua”, (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62.), com variações ao mais monitorado que são influenciados pela situação ou o contexto social.

Selecionamos alguns trechos das transcrições para exemplificar a nossa conclusão. Primeiro as falas dos filhos. A Filha (I): “<sup>6</sup>Ichi, [Risos] eu acho que as escolas, ele mesmo falava direto pra mim que o sonho dele era estudar e não tinha como né na época dele e hoje tem né ele fala muita coisa.”; o filho (II): “Ajudo ele ai em algumas coisas que da pra ajudar: cortar cana, mexer com as vaquinhas .. só [...]”, e a filha (III): “ALGUMAS, [Sobreposição de falas] [risos], e a professora ainda bota a gente pra ler valendo ponto ainda.”.

Agora vamos observar as falas das mães. A mãe (I): “Eu ultimamente quase não tou participando é de nada. Assim a gente brincou muito de casinha, boneca, [Palmas] tomar banho de riu, [Sobreposição de falas] andava á cavalo. Ah, hoje é muito pouco né, muito pouco o que eu fazia eles quase não faz hoje mais [...] as brincadeiras.”; a mãe (II): “[...] bom eu tinha feito a inscrição uns quatro anos atrás né, ã, ai eles me ligaram agora perguntando se eu queria nossa, mas, meu tempo é tão corrido, mas, eu falei: gente só deu onde eu trabalho exige unha arrumada, es-

---

<sup>6</sup> Todos os trechos das transcrições que estão ao longo do trabalho segue na íntegra o que está no apêndice.

sas frescuragens sabe [sobreposição de falas] só deu economizar o dinheiro deu, deu mesmo arrumar [sobreposição de falas] a minha unha já tá bom e eu tó lá.”.

E a mãe (III): “Ah eu acho para a B. não porque nunca foi sofrido porque [Barulho de carro] a gente era pequena a gente ficava na roça levantava de manha cedo, sabe. Eu levanta eu levantava três horas da manha para ir para ir tirar leite. Os pais da gente antigamente eram muitos rígidos a gente não podia assistir uma televisão [barulho de carro] hoje menino tem acesso a tudo a tudo. Celular eu fui ter meu celular tava com vinte anos, B. com.. treze anos, quatorze anos antes de doze anos já tinha um celular.”. Durante as falas há variações nos contínuos e por isso que Bortoni-Ricardo (2004) afirma que não existem fronteiras rígidas entre os contínuos e sim fronteiras fluídas e sobreposições.

Os avôs não estão na mesma localização das mães e netos, alunos/filhos. O avô (I) não teve acesso à escola, e o avô (II) e a avó (III) tiveram o acesso mínimo à escola na infância e ao frequentarem o MOBRAL<sup>7</sup>, mas, infelizmente não foi o suficiente para adquirir domínio da leitura e da escrita e por isso levando em conta estas especificidades chegamos a seguinte conclusão: no contínuo de urbanização localizemo-los na região rural, porém, podemos dizer que está próximo do urbano pelos antecedentes e atributos rurais e pelas influências no repertório, pois, mesmo sem o letramento, leitura e escrita, ao longo da vida foram adquirindo e continua a adquirir o letramento, pela situação e o contexto social que pode ser percebido no decorrer das entrevistas, e no contínuo de oralidade-letramento localizemo-los no pólo da oralidade, porque, não utilizamos a linguagem escrita, e no contínuo de monitoração estilística localizemo-los no menos monitorado por tratar-se de uma conversa informal.

Vamos aos exemplos dos avôs e da avó nos contínuos para compreendermos a sua localização. O avô (I): “Não, nessa época mãe ficou com um mucado de menino e eu que resolvia tudo, não tinha tempo nem de ir pá escola e naquela época escola era difícil. Logo passado muito tempo que Laurinda /?/ lecionou ali ne Missias. Eu vivia trabalhando pra dar de comer [Barulho de Arara] mãe com os mininos.”. “[...] e quando logo pai morreu né [...] aí mãe veio embora cá para o Bonito pantar a mãe

---

<sup>7</sup>O MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização foi um projeto governamental brasileiro, assegurado pelo regime militar, pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, destinado à formação de jovens e adultos com o objetivo de proporcionar alfabetização e letramento fora da faixa etária escolar e que teve seu fim no ano de 1985 devido à recessão econômica iniciada nos anos 80.

dela /?/ ai nos criou ai.”; o avô (II): “A miorou muito eu pra mim miorou muito né porque do tempo nosso/?/ de vinte anos pra trás de hoje pra cá miorou demais né eu pra mim miorou né eu acho que pra mim as coisas miorou cem por cento né.”.

E finalizamos com o exemplo da avó (III): “Tive, mas muito pouca,/?/ se eu estudei só a 3º série por causa que /?/ a minha mãe era muito doente /?/ e eu tinha, e tinha os meus irmãos né, *hum hum*, ai eu tinha que tomar conta deles e ainda socar arroz ni pilão ainda pra dar comida pra eles ainda [...] nós tinha que buscar água ainda no córrego ainda pra esquentar água pra todo mundo banhar ainda e os meus tios ainda morou mais nós ainda, *hum hum*, tinha que buscar água lavar roupa de todo mundo longe e ainda o meu irmão era piquininho tinha que levar ele também a bacia de roupa e ele despendurado, esganchado [Risos] ainda na cintura da gente pra gente, pra gente lavar roupa.”.

Sabemos que através do acesso as tecnologias, rádio, televisão e as redes sociais, adquiriram e continuam a adquirir novos conhecimentos e por isso todos podem mudar a sua localização nos contínuos em especial os alunos/filhos e as mães, talvez possa ser que não interfiram na localização dos avôs/avó já que eles dedicam pouco tempo às novas tecnologias, mas, o aprendizado é constante independente do fator idade e sexo.

Esperamos que os alunos/filhos e as mães ao adquirir o contínuo de monitoração estilística, estilos monitorados, não despreze a língua materna e saiba usar ambos os conhecimentos, fazendo a monitoração necessária ao ambiente e ao seu interlocutor e os avôs continuem transmitindo os seus conhecimentos mesmo que seja na oralidade. Porém, é a memória a responsável pelas narrativas já que não se tem registros escritos e este conhecimento é transmitido de geração em geração via oralidade e essa transmissão por meio de histórias fica evidente nas falas das mães e netos, alunos/filhos.

Relatos da família (II). O avô (II): [...] nos caminhava /?/ quase duas léguas para ir para cidade de a pé de a pé ainda nem cavalo não tinha bicicleta era de a pé não tinha ônibus naquele tempo não era a pé então era aquele labuto né e naquela vida foi até hoje.; a mãe (II): “Antes era até a pé né, antigamente né, a pessoa meu pai mesmo fala que dizendo ele que é quando ele estudava além de andar quilômetros, léguas, [sobreposição de falas] léguas que eles falavam, léguas de a pé ainda tinha que pagar a escola, estudava uma semana outra semana era por semana que pagava não tinha dinheiro já não ia né.”; e aluno/filho (II): “O meio de transporte do

meu avô. *Hum*. Na época dele diz que pra ir para escola era complicado, não era fácil não. E ai agora mudou né!”. Com este trecho das transcrições percebe-se a troca de experiência entre as gerações por meio da oralidade.

#### 4.4 Os aspectos históricos e culturais intergeracionais

Os valores transmitidos de geração em geração por meio da oralidade é perceptível por meio das entrevistas. As três gerações preservam aspectos históricos e culturais.

A religião é uma delas, com exceção da mãe (III) que é evangélica: “Ah, eu sou evangélica.”, todos são católicos e participa de eventos ligados à religião como as folias e as novenas, a avó (III) conta: “Eu gosto de participar! Meu avô também soltava muita folia também né, meu pai também mais a minha mãe a gente né /?/ [...] a tradição deles né e vai ai, *hum hum*, nós também soltou nós soltou uns tr depois que a avó d S. faleceu nós soltou uns quatro anos folia depois que nós mudou aqui para o São Domingos que nós parou [...]”. Através da religião que se dá pela oralidade eles mantêm viva esta tradição tornando possível a transmissão para as futuras gerações.

Os avôs tiveram mínimas oportunidades de estudar, exceto o avô (I) que não teve oportunidade nenhuma de estudar, como ele mesmo relata: “Não, nessa época mãe ficou com um mucado de minino e eu que resolvia tudo, não tinha tempo nem de ir pá escola e naquela época escola era difícil.” O avô (II) relata um pouquinho da sua experiência em relação a sua oportunidade de estudar: “Não, estudar estudei MOBRAL. Quando nos era tava em casa mas os velhos nós era uma turminha meio grande então naquela época o estudo era pagado né, então meu pai não dava conta de pagar as coisas tudo era fraquinho [...]”.

E a avó (III) também compartilha a sua experiência: “Tive, mas muito pouca, /?/ se eu estudei só a 3º série [...]”, a avó (III) acrescenta: “Não, eu leio muito pouquinho, *hum*, e uma também que eu da vez que eu /?/ estudei com comadre C. muito pouco, ã, e a minha vista ai também dai foi ficando ruim né pra mim escrever /?/ até o meu nome tá difícil [...]”. Os avôs, o avô (II) e a avó (III), frequentaram o MOBRAL mesmo que por pouco tempo.

As mães, exceto a mãe (II) concluiu o ensino médio: “Terceiro grau completo.”, e continua estudando: “[...] agora mesmo esse tanto de curso, minina de Deus,

“...tô fazendo assistente público mesmo não paguei foi nada por ele.”, e acrescenta: “Isso que eu ainda faço o curso também de auxiliar de dentista ainda só que esse virtual né.” A mães (I) e (III) não concluíram o ensino médio. A mãe (I) relata: “Eu fiz até o primeiro ano, *hum*, do segundo grau.”, e a mãe (III) diz: “8ª.”. E os filhos/alunos todos continuam estudando e estão no último ano do ensino fundamental, séries finais.

A mãe e a filha (III) usam a mesma expressão ao longo do diálogo, “*ahrã*”, que pode ser interpretada como um sim que também é utilizada pelo filho (II). A filha (I) usa as seguintes expressões: “*muncado*” e “*mucado*” que equivale à palavra muito, e a expressão “*mucado*” também é utilizada pelo filho (II); “*vich*” que equivale à expressão vou pensar “*ichi*” significa, mais. A mãe (I) também usa a expressão “*ichi*”. O avô (I) também usa a expressão “*mucado*” e utiliza também outras expressões, como: “*pra qui*”, que se traduz em aqui e “*pra culá*”, em ali. O avô (II) também utiliza essas duas últimas expressões e a avó (III) também utiliza a expressão “*pra qui*”. O filho (II) usa a expressão “*bão*” que significa bom.

No aspecto brincadeira os avôs não têm muito a relatar. O avô (I) fala: “Não brincadeira eu acho que é, naquele tempo o povo não brincava quase né D. é [Galo cantando] [Risos] era muito pouco [...] é lutar assim de braço né [...] não, bola também não [...] mas, foi só um dia ou foi dois só, não gostei daquele serviço, daquela brincadeira não.”, e a avó (III) conclui: “A gente era ruim a gente a gente quase nem brincava e eu mesmo também já cuidava dos meus irmãos né, *humhum*, quando precisava de alguma coisa tinha que correr e e rumar eu pode falar que eu não tive esses brinquedos igual as meninas brinca ai não.”.

Ao contrário dos pais, no caso, os avôs, as mães falam das suas brincadeiras. A mãe (I): “Assim a gente brincou muito de casinha, boneca, [Palmas] tomar banho de riu, [Sobreposição de falas] andava á cavalo.”, a mãe (II): “De roda essas coisas assim, né?.”, e a mãe (III): “Ah, pique esconde”. A infância das mães em relação aos seus pais, no aspecto brincadeira, diferencia-se, pois, elas já tiveram a possibilidade de brincar.

Os filhos/alunos além das brincadeiras contam com o auxílio da tecnologia. As brincadeiras relatadas pelos filhos: Filha (I): “[...] pique-esconde, pique-pegas, pula corda, *ichi* um *mucado* de coisa *ichi* amarelinha, escolinha já brinquei de um *muncado* de coisa [...]”, e acrescentam os aparelhos eletrônicos: “O celular mesmo, celular é. [...]. É internet, *hum rum*, só isso também.”. O filho (II): “Jogar bola, *mais*, andar a

cavalo, ir pro rio banhar.”; e “Internet.”, e “Televisão tem também.”. E a filha (III): “Antigamente..brincava não, [Sobreposição de falas] só dentro de casa mesmo assistindo televisão a única coisa.”, e acrescenta: “Ah, o celular, internet, e o facebook (risos) nem o rádio mais (risos) [Sobreposição de falas] o celular não deixa. (risos)”.

No aspecto tecnológico, o radinho é indispensável como relatam os avôs. Avô (I): “O que eu mais gosto é televisão, um radinho que eu tenho ali né é isto, telefone nunca tive é.”. O avô (II): “Rádio até gosto /?/ o rádio acho melhor que a televisão sabe /?/ assistindo aquilo né.”, e em relação ao celular o avô (II) prossegue: “Tenho dificuldade, tem tem (Risos) [Sobreposição de Falas] esses trens mais modernos tem dificuldade, não sei mexer com nada daquilo”. E a avó (III): “um radinho também é bom né?”. Todas as mães e os filhos tem acesso ao celular ao contrário dos avôs.

No ritmo musical, os avôs mantem as suas tradições, gostam de músicas de raízes, as modas de violas, avô (I) relata: “Aqueles músicas velha, aquelas mais velha hoje essas música de hoje é [...]”, o avô (II) complementa: “O que eu mais gosto é ééé aquelas músicas mais antigas é aquilo que eu mais adoro Léo Canhoto e Robertinho, (risos) Trio Parada Dura aquilo eu gosto daquelas músicas (Risos). [Sobreposição de Falas] A gente gosta daquelas músicas de antigamente né eu adoro aquelas músicas de antigamente aquelas músicas.” E a Avó (III) conclui: “Ouvir uma musiquinha né?”. Os filhos já preferem o sertanejo universitário.

Apesar da diferença de idade entre as gerações, eles têm o mesmo gosto pelo estilo de vida. Com exceção das mães (I, II e III) e da filha (III), todos ainda moram no campo, gostam e preservam as tradições campesinas como: as cavalgadas, modas de viola e rodeio, mantendo assim a memória das mesmas. Mesmo a Mãe (III) sendo evangélica gosta e participar de eventos não religiosos, quando possível, como a Festa do Carro de Boi, como ela mesma nos conta: “Há eu gosto eu gosto mais /?/ a festa do [barulho de carro] Carro de Boi.”, já que muitos veem a religião como um empecilho para participar de determinados eventos.

A mãe (II) traz em seu diálogo experiências que valem a pena serem ressaltadas em relação às mudanças que ocorrem de uma geração para outra. Observe-mos este dois trechos. Primeiro: “Não (Risos), aliás, hoje em dia é menino quase nem brinca né, assim, fica muito na frente de televisão, é computador, assim, desde a infância, [sobreposição de falas] celular.”, e o segundo: “Assim, até mesmo em questão dos pais falarem porque antes muitas vezes não precisava nem do pai falar só de olhar a gente, hoje, fala dez, vinte vezes e menino continua fazendo a mesma



coisa né.”.A mãe (III) também relata sua experiência: “Os pais da gente antigamente eram muitos rígidos a gente não podia assistir uma televisão [barulho de carro] hoje menino tem acesso a tudo a tudo. Celular eu fui ter meu celular tava com vinte anos, B. com.. treze anos, quatorze anos antes de doze anos já tinha um celular.”.

Por fim, chegamos à conclusão do nosso trabalho e veremos se a pergunta de pesquisa e os objetivos foram respondidos pela nossa pesquisa e qual será a contribuição à comunidade e a escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Licenciatura em Educação do Campo, tive a oportunidade de vivenciar os dois lados da educação simultaneamente, educanda e estagiária, e pode perceber o real papel que o educador desempenha na vida do educando. O educador é a ponte entre o educando e o conhecimento, pois, se faz necessária à mediação entre eles e assim ele desempenha o seu papel de mediador.

Ao escolher o tema do TCC queria algo que fosse relevante e útil, não só para mim, mas, também para comunidade e a escola, mesmo não estão em sala de aula, e trazendo a variação do português brasileiro através dos Contínuos, nessa pesquisa intergeracional, conseguiríamos abordar a sabedoria popular/conhecimento empírico dos avôs através da sua experiência de vida que se dá pela oralidade.

A comunicação oral também é uma forma de letramento, e o nosso trabalho valoriza todas as formas de letramento além de ressaltar a importância do conhecimento seja na forma da oralidade ou do letramento, leitura e escrita. Analisaremos dois exemplos, primeiro: os causos, o uso das ervas medicinais, benzimentos, folhas, etc. que são transmitidos de geração em geração e estão guardados na memória, e o segundo: o uso do dinheiro – venda, cobrança e o troco – os dois exemplos fazem parte da vida dos nossos colaboradores, no caso, na vida dos avôs, mesmo sem nunca ter frequentado a escola e por isso se diz ser analfabeto. E esses exemplos estão presentes no cotidiano das nossas comunidades camponesas.

Independentemente do letramento, a comunicação é inevitável, mesmo que ela aconteça apenas no contínuo da oralidade o que fica explícito na conversa com os avôs, mas, a oralidade não é vista como um empecilho pelo contrário, cada um a sua maneira relata a sua vasta experiência mesmo sem o letramento e cabe ao o nosso trabalho ressaltar e evidenciar a importância da oralidade. Cada ser humano tem a sua cultura e por isso não devemos rotulá-los de incultos mesmo que não tenha acesso ao letramento.

Os sujeitos do campo, a classe trabalhadora, devem apropriar-se do conhecimento científico como uma ferramenta de emancipação sem desvalorizar os seus saberes, vínculos e raízes. A valorização da cultura camponesa através da Educação do Campo mantém viva o ideário do camponês, que gira em torno do campo, educação e política pública de qualidade, sem os quais, se tornam sujeitos vazios.

os e sem raízes, pois, perdem a sua identidade e a cultura camponesa que se mantém viva através das suas manifestações culturais e os quais se orgulham ao dizer que nasceram, criaram e ainda permanecem no campo.

O conhecimento dos nossos avôs deve ser preservado e resgatado através de pesquisas que valorizam os seus conhecimentos em todas as áreas fazendo uma relação transdisciplinar entre conhecimento e comunidade, e o conhecimento científico e o conhecimento empírico e, assim, faremos a junção do bom senso e a ciência. Queremos que todos os falantes possam se expressar de acordo com a sua cultura e seu contexto sem medo de serem rotulados de ignorantes e incultos e possam compartilhar seus aprendizados que estão registrados na memória e a transmissão por meio das gerações é a única maneira de mantê-los vivos.

Independentemente da sua localização nos Contínuos esperamos que este trabalho desperte a reflexão de cada um ao julgar o que é “certo” ou “errado”, ou melhor, o estilo + monitorado e o – monitorado, e quando o educando chegar à escola o educador tenha a sensibilidade de trabalhar a língua materna e a monitoração estilística para que o aluno monitore o seu discurso de acordo com o ambiente e o interlocutor.

A Educação do Campo luta por uma educação de qualidade e digna para os sujeitos do campo, de modo que os camponeses também tenham o direito de acesso ao conhecimento, e a Licenciatura em Educação do Campo juntamente com a Formação de Educadores do Campo e a Formação por áreas de Conhecimento propõem essa formação emancipatória a todos e a todas sem nenhuma forma de distinção, a inclusão de todos e ao direito do conhecimento.

A Licenciatura em Educação do Campo é um espaço emancipatório de intersecção, ou seja, um espaço onde várias comunidades camponesas se encontram para compartilhar as suas experiências, para que depois esse processo emancipatório, vá e volte, para as suas comunidades que estão sendo representadas pelos seus licenciandos.

O educador deve trabalhar a língua de maneira que valorize as variedades e assim facilitará o processo do aprendizado, distinguindo a Gramática Normativa da língua materna, mas, deve ter sensibilidade e um olhar atento para compreendê-las e não oprimir o educando. Não podemos estudar a língua sem levar em conta o seu contexto, porque, a língua e a sociedade andam juntas. Olhar refinado para usar o conhecimento do aluno ao seu favor e não como uma forma de opressão.

Enfim, espero que este trabalho desperte o interesse dos educadores em conhecer a fundo os princípios da Sociolinguística e não fiquem presos apenas a Gramática Normativa e não sejam rasos de conhecimentos ao considerar a Sociolinguística como uma ciência inferior por aceitar todas as formas de conhecimento, sejam eles, científicos ou empíricos, e assim todos possam usar a sua língua materna sem medo de serem estigmatizados, pois, ela revela a própria identidade e a cultura do falante.

## REFERÊNCIAS:

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos**/Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - Brasília: SECADI, 2012.

CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ed. Expressão Popular, 2012. São Paulo: 2012.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. – 2. ed. –Porto Alegre: Artmed, 2007.

DURÃES, Oscar Reis. **Raízes e culturas de Buritis no sertão Urucuiano**. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1996.

MELLO, Maria Thereza Ferraz Negrão de (org.). **Entorno que transborda: patrimônio imaterial da RIDE**. Brasília: Petrobras, 2006.

MELLO, Maria Thereza Ferraz Negrão de (org.). **Patrimônio Imaterial da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno**. Coronário Editora Gráfica. Brasília, 2005.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. A licenciatura em educação do campo da Universidade de Brasília: estratégias político-pedagógicas na formação de educadores do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão (Orgs). **Licenciatura em Educação do Campo**. Brasília: Autêntica, 2011, pp. 35-61.

MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V.1. 2. Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

PRADO, Onofre Ferreira. **Sementes da terra: poemas e trovas**. Brasília: Dupligráfica, 2002.

RAMOS, Rita Maria da Silva. **Nossa Senhora da Pena Mais Que Padroeira: Nossa Mãe**. 2ª Edição. Buritis – MG, 2014.

SOUSA, Rosineide Magalhães. **Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica.** (Tese de Doutorado). Brasília UnB, 2006.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Faculdade UnB Planaltina. **Projeto Político Pedagógico.** Licenciatura em educação do campo. Brasília: UnB, 2009.

**Informativo Diocesano.** Periódico Mensal da Diocese de Paracatu-MG / Ano XVII - Nº 20920 de Janeiro a 20 de Fevereiro – 2012. (Acessado no dia 27 de junho de 2014 às 14 horas.)

**Informativo Diocesano.** Mês de Setembro de 2013 - nº. 229 - ano 18 - Periódico Mensal. ([www.dioceseparacatu.org.br](http://www.dioceseparacatu.org.br)).

**Informativo Diocesano.** Mês de Janeiro de 2014 - nº. 233 – ano 19 - Periódico Mensal. ([www.dioceseparacatu.org.br](http://www.dioceseparacatu.org.br)). Diocese de Paracatu – MG.

[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Buritis\\_\(Minas\\_Gerais\)&oldid=35493021](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Buritis_(Minas_Gerais)&oldid=35493021). Acesso em: 19 de setembro de 2014 às 11h.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Brasileiro\\_de\\_Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Brasileiro_de_Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o). Acesso: 05 de janeiro de 2015 às 16h29min.

<http://www.portalburitis.com.br/index.php>. Acesso em: 19 de setembro de 2014 ao 12h.

<http://www.correiodeuberlândia.com.br>. (15 de janeiro de 2014 às 14h47min). Acesso em: 16/09/14 às 14h21min.

## APÊNDICES:

### Transcrição das entrevistas

#### ❖ FAMÍLIA I

#### ✓ AVÔ (I)–Entrevista realizada no dia 10 de setembro de 2014 no período da tarde na comunidade.

##### 1. A.: Tem 66 anos, pai de duas filhas, viúvo e é aposentado.

P. G.: [...] o nome do senhor? A.: /?/ o nome? P. G.: É. A.: A. . P.G.: Quantos anos o senhor tem? A.: Eu tenho..60e vou fazer 66 anos.P. G.: 66 anos. A.: É.P. G.: O senhor [...] nasceu e morou na roça? A.: Nasci e criei na roça. P. G.: Aqui no município de Buritis mesmo? A.: É, é daqui no município aqui de São Vicente, *hum*, [Sobreposição de Falas] eu nasci foi ali na beira da sacada.. [...] pai comprou aquele trechinho ali /?/ pra cima de A. [...] e quandelogo pai morreu né [...] ai mãe veio embora cá para o Bonito pantar a mãe dela /?/ ai nos criou ai. P. G.: E o senhor teve oportunidade de estudar? A.: Não tive. P. G.: Ai o senhor não assina o nome do senhor, nada? A.: Nada, nessa época mãe ficou com um mucado de minino e eu que resolvia tudo, não tinha tempo nem de ir pá escola e naquela época escola era difícil. Logo passado muito tempo que Laurinda /?/ lecionou ali neMissias. Eu vivia trabalhando pra dar de comer [Barulho de Arara] mãe com os mininos. P. G.: Mas, conta dinheiro sem problema, ã,mexe com dinheiro e tudo sem problema? A.: Uai eu mexia com um troquinho assim pouco, mas, (Risos) é. P. G.: ã, e profissão. Sempre trabalhou assim, nunca não saiu para exercer uma profissão diferente ou sempre no campo? A.: Não, o serviço meu é aqui mesmo de é machado, é enxada, essas coisas, foice [...] nunca tive assim um jeito de miora, nunca tive né, é, ai comprei aquela terrinha na Vila fiquei lá uns tempo vendi e fiquei ai e com pouco comprei aqui né. P. G.: E quais as brincadeiras, ou o senhor não teve tempo de brincar, do tempo do senhor? A.: Não brincadeira eu acho que é, naquele tempo o povo não brincava quase né D.? É [Galo cantando] [Risos] era muito pouco [...] é lutar assim de braço né [...] não, bola também não [...] mas, foi só um dia ou foi dois só, não gostei daquele serviço, daquela brincadeira. P. G.: [...] e quando o senhor olha assim hoje as mudanças que teve da vida do senhor pra suas filhas e pra sua neta? O que senhor acha que mais mudou? A.: Uai, eu acho que mudou muita pouca coisa parece né [...]. A vida foi essa mesma tombando daqui praqui praulá. P. G.: Mas, o senhor não ver diferença nenhuma assim na educação, modo de ser do tempo do senhor pra hoje? A.: /?/ educação eu tive mais só pra as meninas pra mim mesmo eu não tive nada, *hum*,né escola essas coisas [...]. P. G.: E hoje o que o senhor gosta: de televisão, de radio, telefone, essas coisas, o senhor mexe? A.: O que eu mais gosto é televisão, um radinho que eu tenho ali né é isto, telefone nunca tive é. P. G.: E música o senhor gosta dessas musicas? Como que é? A.: Aquelas músicas velha, aquelas mais velha hoje essas música de hoje é [...]. P. G.: E quais são os lugares que o senhor mais gosta de participar quando tem alguma coisa? O que o senhor mais gosta de ir? [...]. A.:[...] a época de festa em Buritis é o que eu mais gosto né. [...] Sete de setembro. P. G.: E ai assim também o

senhor não sai mais para ir numa folia? A.: Ai agora só as festinhas aqui da Vila de outubro em diante né [...] de um ano pro outro, mês de maio, esse ano eu não fui..na festa. P. G.: [Sobreposição de Falas] Só mesmo trabalhando. A.: É aqui mesmo cuidando das coisinhas. [...] cavalgada? É eu assistir umas duas pouca, mas, é de ano em ano também né [...] é. P. G.: E a renda do senhor sempre foi daqui da roça? De trabalhar, de trabalhar, até chegar à idade pra poder aposentar? A.: É, trabalhei mais na roça até vencer o tempo, a idade ai e eu aposentei. P.G.: Plantava roça, criava vaca e tudo? [Sobreposição de falas]. A.: /?/ o serviço meu era esse: trabalhar na roça, olhar um gadinho pra qui pra culá, uma vaquinha. P. G.: E de igreja, de religião o senhor não é muito ou num? A.: Eu gosto de igreja assim também, a religião é essa nossa mesma a [Sobreposição de Falas] católica. [...].

✓ **MÃE (I)– Entrevista realizada no dia 27 de setembro de 2014 no período da tarde em Buritis.**

2. **E.:** Mora em Buritis, tem 31 anos, casada, mãe de quatro filhos, é doméstica e conta com o auxílio do Bolsa Família

P. G.: Seu nome? I.: I. D. R.. P. G.: Quantos anos? I.: 31 anos. P. G.: Onde você nasceu? I.: Brasília. P. G.: Mas, a sua família é toda daqui do município de Buritis [Sobreposição de falas]? É, todos daqui do Buritis. P. G.: Hum! Até que série você fez? I.: Eu fiz até o primeiro ano, *hum*, do segundo grau. P. G.: Se você fosse ter uma profissão em que área você queria? [...]. I.: Bom eu nunca pensei. P. G.: Mas, você trabalha em quê? I.: Eu sou doméstica. P. G.: Doméstica, /?/. Quais são os meios de comunicação que você tem mais acesso? I.: Assim televisão né, celular. P. G.: Leitura [...] você ler [...]? I.: De vez em quando eu leio, [Sobreposição de Falas] quando eu tenho tempo. P. G.: Hum. Qual é a sua religião? I.: Eu sou católica. P. G.: Quais são as festas que você mais gosta de participar? Algum evento, assim, que você mais gosta? I.: Eu ultimamente quase não tou participando é de nada. P. G.: Por falta de tempo? I.: É por falta de tempo. P.G.: Mas, o que você mais gosta de participar, alguma coisa assim, que você gosta? I.: Ah! Assim de reza né, /?/ ne igreja. P. G.: De folia [Sobreposição de Falas] essas coisas, você gosta também? I.: Também gosto. P. G.: Mais ligado pra religião mesmo. Assim na sua infância quais foram as brincadeiras que você mais brincou? I.: Assim a gente brincou muito de casinha, boneca, [Palmas] tomar banho de riu, [Sobreposição de falas] andava á cavalo. P. G.: Você ver sua filha fazendo isso hoje, não? I.: Ah, hoje é muito pouco né, muito pouco o que eu fazia eles quase não faz hoje mais [...] as brincadeiras. P. G.: Em questão da sua vida o que você acha que mudou do seu pai pra você e de você pra sua filha? Quais são as principais mudanças? I.: Ichi mudou bastante coisa. P. G.: Mais o quê? Em que sentido você acha que mudou mais? [...] se a vida melhorou se era mais difícil, [Sobreposição de Falas] mais fácil? I.: Ichi antigamente as coisas era muito mais difíceis como é hoje, eu acho que mudou muito. P. G.: Mais assim, mais clara, especifica, o que você acha que mudou mais assim? I.: Ichi.. igual assim, antigamente não tinha um transporte pra você andar hoje tem, tem muitas coisas fácil hoje. P. G.: Com certeza né. Até em questão de estudar mesmo seu pai não teve oportunidade [Sobreposição de Falas] né. I.: É isso /?/ também-



sobre estudo também né, ele não teve um estudo. P. G.: [...] hoje é porque você não tem tempo, mas, mais possibilidade, tá mais fácil [Sobreposição de falas]. I.: Ichi, hoje tá fácil em tudo né a gente que num [Sobreposição de falas][...] é não quer aproveitar. P. G.: Às vezes não é nem querer é poder? I.: Poder né. P.G.: Por que às vezes tem algumas pessoas que eu falo que não quer e agora tem pessoas que não tem como aproveitar porque já tem outras coisas [Sobreposição de Falas] que não dar pra aproveitar né. I.: É isso ai é. [...]. P. G.: Você recebe algum auxílio do governo? I.: Recebo, o Bolsa Família. [...]. P. G.: Assim da fazenda, igual você morou muitos anos lá né, o que você sente mais falta de lá pra cá? Da fazenda pra Burity? [Sobreposição de falas]? I.: Da fazenda! [...] ah, lá tem muita liberdade né e aqui na cidade não tem [...] é todo mundo preso. P. G.: Se fosse pra você voltar a morar na fazenda um dia você voltava? [Sobreposição de Falas] Assim se tivesse emprego se tivesse tudo você voltava? I.: Se tivesse emprego lá eu voltaria, mas, eu não penso nisso mais não [...] é, não penso [Sobreposição de Falas] é por enquanto aqui na cidade. P. G.: Em questão assim de programas de TV de música você tem algum um ritmo ou você gosta de tudo que passa essas coisas? I.: Eu assisto televisão nem sempre mais assim novelas essas coisas assim que eu de vez em quando eu assisto. P. G.: Para pra ver né? I.: É. [...].

✓ **FILHA (I) – Entrevista realizada no dia 11 de setembro de 2014 no período da tarde na comunidade.**

3. **P.:** Tem 15 anos, amasiada e estuda na Escola Municipal Santa Teófila.

P. G.: Seu nome? P.: P.. P. G.: Quantos anos você tem? P.: 15. P. G.: Você nasceu no campo, ou na cidade [...]? P.: Na cidade. P. G.: Na cidade. Sempre morou aqui na roça? P.: SEMPRE! P. G.: Seus pais são do campo? P.: Só o meu pai, a minha mãe não. P. G.: Mas ela nasceu aqui né. P.: É mais ahrã. P. G.: Viveu aqui? P.: Morou sempre. P. G.: A vida inteira. P.: Hum rum. P. G.: Quais são as brincadeiras que você brincou assim na sua infância? Vich [Risos] É minhas brincadeiras? É. É pra falar tudo? [...] pique-esconde, pique-pega, pula corda, ichi um mucado de coisa, ichi amarelinha, escolinha já brinquei de um mucado de coisa, pode saltar né? *Pode*. [...]. P. G.: Que série você tá fazendo? P.: 9º ano, 8ª série. P. G.: Que área você pretende seguir, você? P.: Veterinária. P.: Veterinária. Quais são o meio de comunicação que você tem mais acesso hoje? [...] P.: O celular mesmo, celular é. P. G.: Acessa as redes sociais. P.: É internet, hum rum, só isso também. P. G.: Tem mania de ler? P.: Tudo assim é. P. G.: Você ler? P.: Hum rum. P. G.: Gosta de ler? P.: Gosto, gosto. P. G.: Tem assim algum assunto que você tem preferência ou de tudo você ler? P.: Tudo [...] qualquer coisa assim. P. G.: Tem religião? P.: Católica, ahrã. P. G.: Quais são os eventos que você mais gosta de participar? [...] P.: É rodeio, cavalgada essas coisas assim é [...] ingreja eu também gosto de ir muito [...] hum rum. P. G.: Quais são as atividades que você mais gosta de fazer. P.: Atividades? [...] estudar é eu gosto de estudar muito de ir pra escola todo dia, arrumar a casa também e, trabalhar e só. P. G.: Assim quando você olhar para seu avô e olha pra você hoje assim avivência pelo o que ele te conta você ver muita diferença da vida dele pra sua. P.: ICHI com certeza MUITA. P. G.: Em que área assim em que você acha que mudou mais?

P.: Ichi porque no tempo dele eu acho era tudo diferente né? Muita coisa. P. G.: Da um exemplo ai o que era diferente? P.: Ichi, [Risos] eu acho que as escolas, ele mesmo falava direto pra mim que o sonho dele era estudar e não tinha como né na época dele e hoje tem néele fala muita coisa .. [...].P.G.: Pra sua mãe você acha que teve diferença ou a sua vida e a da sua mãe é a mesma coisa? [Sobreposição de Falas] P.: Não, eu acho que é muito diferente também com certeza. P. G.: Em que sentido assim de serviço, de escola em tudo?P.: É ela também nem estudou, ela parou de estudar também falou que não teve como terminar ela casou, ai parou ai engravidou. P. G.: Por que casou não pode estudar? P.: NÃO, mais ai /?/. [...].P. G.: Quais são as suas perspectivas para o futuro o que você espera para o seu futuro? P.: Que eu consiga um emprego bom, uma vida melhor, é .. que seja uma pessoa dignada e também ..só. P. G.: Quais são assim detelevisão o que você mais gosta de assistir seus programas favoritos /?/? P.: /?/ novela, jornal essas coisas que passa assim. P. G.: Estilo musical tem preferência? P.: Sertanejo.. .P. G.: E você assim se fosse pra você ir morar na cidade você iria? P.: Iria NÉ. P. G.: Acharia melhor ou não? P.: É tem umas coisas que sim outras não. P. G.: Em que você acha? P.: Melhor de emprego né? Melhor. P. G.: Mais você gosta de morar assim no campo igual você morou a vida inteira? P.: Muito, muito, gosto parece ser mais melhor, tranquilo, assim. P. G.: Mas se tivesse como ir pra cidade? P.: É ai se for caso [Sobreposição de Falas] de ir eu iria deve ser melhor. [...].

## ❖ FAMÍLIA II

### ✓ AVÔ (II)– Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2013 no período da tarde na comunidade.

#### 1. A.G.L.: Tem 67 anos, pai de quatro filhos, viúvo e é aposentado.

[...]. P. G.: Onde o senhor nasceu? A.: Sim, eu nasci em Felixlândia. P. G.: Ah, Minas! A.: É Minas é é mineiro. P.G.: E como o senhor veio parar aqui? A.: Uai eu vi aos tombos de lá pra cá aqui até chegar ai eu vim, /?/ três, eu mais um irmão meu e um colega nosso de Felixlândia pra cá né, *Ahrã*, viemos já moremos em Unaí, moremos em Canabrava, de Canabrava nos viemos toquemos por este Buritis afora aqui (risos) de Buritis já mudemos para a Taboca e da Taboca nos estamos aqui no B. da T. . P. G.: Há quanto tempo o senhor tá aqui no B. d T.? A.: [...]. É na base de seis pra sete anos mesmo é que nos ta aqui /?/. Mexo com umas rocinhas pra que pra culá lá naquele labuto de .. dede trem não faço quase nada, mas, sempre né naquele labuto né. P. G.: Tá lidando? A.: É to lidando com uma coisinha ai. P.G.: O senhor sempre morou na roça assim no campo? A.: Toda vida. P. G.: Toda vida? A.: Toda vida! P.G.: Mesmo em /?/ Felixlândia? A.: Felixlândia era roça também sabe, [Sobreposição de Falas] tinha a cidade, mas, nós morava na roça mesmo não era na cidade mesmo não. Na cidade que morei só aqui em Buritis, pouco tempo, Buritis, mas assim uns meses em Buritis, mas corria para a roça mesmo /?/ certamente que era na roça mesmo. Na cidade pouco tempo /?/. P. G.: E estudar o senhor teve oportunidade estudar? A.: Não, estudar estudei MORAL. Quando /?/noisera, tava em casa, mais os velhos, nós era uma turminha meio grande né, então naquela época o estudo era pagado né, então meu pai não dava conta de pagar as

coisas tudo era fraquinho, [risos] então ele pagava ali um mês dois meses né, e a hora que situação apertava /?/ não agora meu filho vamostrabaiar, vão trabaiar, largava aquilo quando você voltava de novo outra vez quando você começava aprender /?/ esqueceu tudo, não sabia nada mais, então só trabaiá, trabaiáquando você pegava uma situação melhorzinha vamos estudar mais, vamos pagar professore para ficar nas casas nossas né, outra hora nas casas dos vizinhos né /?/ nos caminhava /?/ quase duas léguas para ir pra istudar de a pé de a pé ainda, nem cavalo não tinha bicicleta, era de a pé não tinha ônibus naquele tempo não era a pé, então era aquele labuto né e naquela vida foi até hoje. Agora que surgiu esse MOBRAL coisa assim [...]. P.G.: Mas, o senhor aprendeu assim escrever o nome do senhor ler alguma coisa? A.: Mais ou menos só mais ou menos /?/ pra mim lê um nome assim da trabalho demais da conta (risos) /?/. P. G.: E o que o senhor mais gosta de música de televisão o senhor gosta de assistir essas coisas? A.: Uai ate olho mais não sou muito chegado televisão não /?/ as minhas vistas é ruim demais né começa misturar ai eu tenho e largar e sair pra lá /?/. P. G.: E rádio o senhor gosta? Ouvir música. A.: Rádio até gosto /?/ o rádio acho melhor que a televisão sabe /?/ assistindo aquilo né. P. G.: Quais são as músicas que o senhor mais gosta assim? A.: O que eu mais gosto é ééé aquelas musicas mais antigas, é aquilo que eu mais, adoro Léo Canhoto e Robertinho, (risos) Trio Parada Dura aquilo eu gosto daquelas musicas (Risos). [Sobreposição de Falas] A gente gosta daquelas musicas de antigamente né, eu adoro aquelas musicas de antigamente aquelas musicas. [...]. P. G.: /?/ o celular o senhor mexe assim liga, tem facilidade? A.:Tenho dificuldade,tem tem (Risos) [Sobreposição de Falas] [risos] [...] esses trens mais modernos /?/ não sei mexer com nada daquilo [...]. P. G.: O que o senhor acha que mudou muito do tempo do senhor pra hoje assim /?/ de bom e de ruim? A.: Ah, miorou muito eu pra mim miorou muito, né, porque do tempo nosso /?/ de vinte anos pra trás de hoje pra cá miorou demais né, eu pra mim miorou né, eu acho que pra mim as coisas miorou cem por cento né. P. G.: Em que mais ou menos o senhor acha que melhorou ou em tudo? A.: /?/ antigamente /?/ ninguém tinha salário e hoje todo mundo tem salariozinho, tem o jeitinho de viver né, tem sua coisinha de andar né, e antigamente não /?/ o cavalo [...] ou então a bicicletinha antigamente née hoje eu não tenho isso não /?/, mas /?/ todo mundo pode dizer que já tem né, [...] antigamente tinha farmacêutico, médico mesmo tinha não, por há causo tinha algum mais a maior parte era farmácia [...].

✓ **MÃE (II) – Entrevista realizada no dia 15 de abril de 2014 no período da manhã em Buritis.**

2. **E.:** Mora em Buritis, tem 29 anos, mãe de três filhos, é auxiliar de dentista e conta com o auxílio do Bolsa Família.

[...] P. G.: Seu Nome? E.: E. [...] P. G.: Idade? E.: 29. P. G.: Você nasceu na cidade ou no campo? Onde você nasceu? E.: Na cidade. P. G.: Na cidade! E.: Foi. P. G.: Que cidade? Aqui em Buritis? E.: Buritis. P. G.: Há então vocês é daqui de Buritis mesmo! E.: Somos sim. P.G.: Qual é a sua escolaridade? E.: Terceiro grau completo. [...] P. G.: Sua profissão? Tem uma

profissão definida? E.: Auxiliar de dentista. P. G.: Auxiliar de dentista. E.: Hum rum. P. G.: Há então sua renda vem dessa profissão! E.: Dessa profissão. [latido] P. G.: Qual o meio de comunicação que você tem mais acesso? E.: O celular, [...] televisão mesmo [latido] /?/. P. G.: /?/ você acessa tudo pelo celular, internet, tem acesso a tudo, não? E.: Não, tem acesso a internet. P. G.: Só que você não usa? E.: Tenho internet, uso sim. P. G.: Você usa? Ah, você usa! Ai você ler pela internet? Alguma coisa. E.: Mais ou menos. [risos] P. G.: Mais ou menos. P. G.: Tem o hábito de ler? E.: Muito pouco. P. G.: Muito pouco. Mais o que você gosta de ler /?/? [latido] E.: O que eu gosto de ler? Ai nem sei. P. G.: Tem preferência não. E.: Não tenho não? [latido] P. G.: E a sua religião, qual é a sua religião? E.: Católica. P. G.: Católica. E.: Isso. .. [latido]. P. G.: [...] assim na sua infância quais eram as brincadeiras que você mais brincava assim? [latido] .. E.: De roda essas coisas assim, né? [...] P. G.: Você ver hoje seus filhos brincando daquilo que você brincava? E.: Não (Risos), aliás, hoje em dia é menino quase nem brinca né, assim, fica muito na frente de televisão, é computador, assim, desde a infância, [sobreposição de falas] celular. P. G.: Pois é. Você ver muita diferença em relação, assim, a sua criação pra a dos seus filhos hoje? O que mais mudou? E.: Nossa mudou totalmente. P. G.: Assim, uma coisa que chama atenção, ASSIM? E.: Assim, até mesmo em questão dos pais falarem, porque, antes muitas vezes não precisava nem do pai falar só de olhar a gente, hoje, fala dez, vinte vezes e menino continua fazendo a mesma coisa né. P. G.: Hum rum. Você trabalhou na roça /?/? Fez serviço pesado /?/ braçal [sobreposição de falas] não? E.: Não. P. G.: Então você já nasceu aqui e já foi mais voltado aqui. E.: Mais voltado aqui na cidade mesmo. .. /?/ P. G.: Sefosse assim em questão de você estudar em que área você queria estudar para ter um serviço? Tivesse uma oportunidade de fazer uma faculdade? E.:NOSSA, eu.. pretendo sim fazer radiologia (risos). [...] P. G.: Mas, seus pais eram do campo, né? E.: É Sim. [sobreposição de falas]. P. G.: Nasceram e foram criados no campo [sobreposição de falas] trabalham no campo [sobreposição de falas]. E.: No campo sim. Até hoje tá na roça. P. G.: Pois é. E P. H. igual em questão se for para ele vir para Buritis ele vem? [latido] E.:Olha ele ate que antes falava que não viria hoje ele já sente vontade de vir para Buriti, porque, assim já ficando assim rapazinho e tal e a renda na roça é muito pouca. Igual ele até tira o leitinho dele, mas, nada verdade é muito pouco pelo gasto que ele tem. P. G.: Com certeza. E.:Então ele fala sim, agora deu tava falando que quiria até vir embora agora porque para trabalhar sabe. P. G.: Hum rum. E.:Motivo de trabalhar. [...].P. G.:Por que estudar no caso ele ainda pode continuar estudando na vila. E.:Não ele ainda pode porque no ano que vem ele tem que vim, mas, esse ano ele pode continuar lá. [...]. E.:Para trabalhar. É muito pouco a renda no campo né. P. G.: Eu sei [...]. [...]. E.: Antes era até a pé né, antigamente né, a pessoa meu pai mesmo fala que dizendo ele que é quando ele estudava além de andar quilômetros, léguas, [sobreposição de falas] léguas que eles falavam, léguas de a pé ainda tinha que pagar a escola, estudava uma semana outra semana era por semana que pagava não tinha dinheiro já não ia né. [...]. [...] hoje pra poder fazer uma faculdade ta tão fácil. [...]. [...] agora mesmo esse tanto de curso, gente de Deus, tou fazendo assistente público mesmo não paguei foi nada por ele. P. G.: Qual você esta fazendo? E.:Assistente público. P. G.:Assistente

público, /?/ quais os dias na semana? E.: Na sexta. P. G.: só na sexta. E.: Hum rum. [...]. À noite, (risos). P. G.: De manhã você faz que curso? E.: Manicure, (risos) [...] é pelo Cras esse [...] bom eu tinha feito a inscrição uns quatro anos atrás né, *ã*, ai eles me ligaram agora perguntando se eu queria nossa, mas, meu tempo é tão corrido, mas, eu falei: gente só deu onde eu trabalho exige unha arrumada, essas frescuragens sabe [sobreposição de falas] só deu economizar o dinheiro deu, deu mesmo arrumar [sobreposição de falas] a minha unha já ta bom e eu tó lá. P. G.: Ai uma vez por semana manicure? E.: Todos os dias! P. G.: De segunda a sexta. E.: De segunda a quinta. P. G.: De segunda a quinta de 8 as 10 você faz esse manicure e pedicure. E.: Isso. P.G.: Ai sexta feira á noite você faz /?/ [sobreposição de falas] assistente público e trabalha de uma ás sete. E.: De uma a sete. [...]. Minha vida ta corrida viu. /?/ antes eu trabalhava na parte da manhã de domestica [latido] na casa /?/ antes deu levantar minha casinha aqui sabe, *ahrã*, trabalhava em dois serviços [sobreposição de falas] e ai depois [...] que eu falei da pra passar pra dentro não agora [sobreposição de falas] eu vou estudar [...]. P. G.: Você sempre trabalhou em casa de família? [latido] E.: Não é antes, antes eu trabalhava chapada né de cozinheira [sobreposição de falas]. [latido] P. G.: E quando veio aqui para Burity serviço de domestica aqui ali [...] agora que você ta lá no auxiliar de dentista. E.: Agora que eu tou lá. Isso que eu ainda faço o faço o curso também de auxiliar de dentista ainda só que esse virtual né. [risos] P. G.: Ai então você precisa da internet assim. E.: Preciso da internet e inclusive até tenho internet aqui porque eu preciso dela. *Ã tá*. Mas, [sobreposição de falas] lá é só seis meses também é pouco tempo.. P.G.: Ai você faz em casa? [...]. E.: Esse é o seguinte dai é assim é virtual né dai mais ai você conversa com o professor, *sim*, e tudo né lá, *hum rum*, responde lá o fórum é mais ai passa os trabalhos sabe. P. G.: Sei, mas, todos os dias você tem que acessar a plataforma? E.: Não, não, não esse é tranquilo esse é muito bom é bem mais fácil que esse assistente público que esse assistente público nossa senhora é difícil demais. P.G.: Esse assistente público é professor na sala tem apostilha tem tudo de graça? E.: Tem, é tudo de graça inclusive nós até ganhamos onze apostilhas sabe tudo tudotudo de graça mais ele é muito difícil. P. G.: Dois anos? E.: Dois anos muito difícil esse mesmo não sei nem sei vou dar conta de ficar com ele. P. G.: Se Deus quiser vai. [latido] E.: To achando ele muito difícil ele é muito puxado eu tenho pouco assim conhecimento de computador sabe assim, *hum rum*, eu pra te falar a verdade eu não tenho curso eu aprendi em casa. P. G.: Não porque você falo que tem que acessar a plataforma e tudo [LATIDO] [...] E.: Eu vou responder professor eu respondo aluno (risos) [sobreposição de falas] [...] nossa senhora eu tenho muita dificuldade esse outro meu lá é tranquilo ate mesmo porque né eu pergunto a L. e lá /?/ às vezes a gente tem um tempinho né sobe lá em cima ela me ajuda sabe, *hum rum*, mas, esse outro eu to achando muito difícil. P. G.: Mas esse outro você tem professor lá, tem tudo né, tem os alunos /?/ quantos alunos? E.: 42 parece. [...]. Agora mesmo saiu mais um mais quatro né. P. G.: De quer? Me conta? E.: Saiu.. é agricultura familiar, *ã*, é cuidar de idoso, eu achei esse bem interessante cuidar de idoso ai fora em Brasília mesmo /?/ ganha dinheiro bem que só né, P. G.: *hum rum*, tem enfermeira mesmo daqui de

Buritis mesmo que deixou [sobreposição de falas] profissão pra pode ir e cuidar de criança e vendedor. [...].

✓ **FILHO (II)– Entrevista realizada no dia 4 de outubro de 2014 no período da tarde na comunidade.**

3. **P. H.:** Tem 14 anos, mora com o avô e estuda na Escola Municipal Santa Teófila.

P. G.: [Conversa Paralela] Nome? P. H.: P. H. G. D. . P.G.: Idade? P. H.: 14 anos. P. G.: Onde você nasceu? P. H.: Em Buritis. P. G.: Você morou em Buritis? P. H.: Sim. P. G.: E ai agora você mora com o seu avô né? P. H.: É. P. G.: Você gosta de morar aqui? P. H.: É bão. P. G.: Mas, prefere Buritis ou não? P. H.: Não. P. G.: Quais são os eventos que você mais gosta de participar? P. H.: Como assim eventos mesmo? P. G.: Eventos? Assim festa [Sobreposição de falas]. P. H.: Ah! Festa, cavalgada [...]. P.G.: Coisas mais voltada para o campo mesmo? P. H.: É. P. G.: Qual o meio de comunicação você tem mais acesso? P. H.: Internet. P. G.: Rádio e televisão muito pouco? P. H.: Televisão tem também. P. G.: Quais são os programas [...] preferidos de televisão? P.H.: Novelas. P. G.: Novelas. E estilo musical? P. H.: É,sertanejo [...] universitário [...]. P.G.: tem religião? P. H.: Sim. P. G.: Qual? P. H.: Ca-tó-li-co. P. G.: Gosta de ler? P. H.: Não. P. G.: Quais são as suas brincadeiras preferidas? P. H.: Jogar bola, *mais*, andar a cavalo, ir pro rio banhar. P. G.: Mais algumas? P. H.: Só isso mesmo. P. G.: Você ver diferença em relação a sua vida, da sua mãe e do seu avô pra sua? P. H.: Muita. P. G.: Quais são elas? Me diga uma [...]? P. H.: O meio de transporte do meu avô. *Hum*. Na época dele diz que pra ir para escola era complicado, não era fácil não. E ai agora mudou né! [Conversa Paralela]. Quem vai pra escola é quem quer estudar mesmo feito aqui. P. G.: O transporte passa aqui na porta pra te pegar né? P. H.: É. Não vai pra escola quem não quer [...]. P. G.: Você esta fazendo o 9º ano né? P. H.: Ahrã. P. G.: Que [Barulho de Cigarra] profissão você pretende seguir no futuro? P. H.: Não tenho. [...]. E quais são as suas perspectivas de futuro? [...]. P. H.: [Barulho de Televisão] Ter um mucado de filho, *mais*, guentar trabalhar. P. G.: continuar aqui no campo se possível? P. H.: É. P. G.: Você pretende ter assim seus filhos e passar o que seu avô passou pra vocês aqui do campo? P. H.: Ahrã. P. G.: Criar eles nesse mesmo estilo de vida? E quais são as atividades que você faz aqui com o seu avô? P. H.: Ajudo ele ai em algumas coisas que da pra ajudar: cortar cana, mexer com as vaquinhas .. só. [Barulho de Televisão]. P. G.: Além de estudar é claro né. P. H.: É. [...].

❖ **FAMÍLIA III**

✓ **AVÓ (III) – Entrevista realizada no dia 24 de outubro de 2013 no período da noite na comunidade.**

1. **M.L.O.P.:** Tem 47 anos, casada, mãe de quatro filhos e conta com o auxílio do Bolsa Família.

P. G.: Nome e idade? M. L.: M. L. O. P. eu, [Barulho de pintinhos] eu tenho..47 anos. P. G.: Onde você nasceu? [...] M. L.: Eu nasci lá em Paineiras [...] perto de.. Biquinha, Morada Nova[...]. P. G.: Ai veio e veio chegar aqui em Buritis? M. L.: Ai eu vim,[Risos] vim piquena, novinha e casei [Sobreposição de falas] com S.. P. G.: Para Buritis? M. L.: É para Buritis meu pai veio pra ir /?/ um padrinho nosso e minha mãe comprou uma fazenda ai [...] e trouxe o meu pai e meus avôs pra qui ai nós veio todo mundo pra cá,ai nós mudou pra fazenda lá no São Domingos também /?/ morei lá muito tempo e depois casei com S. enós ficou por aqui mesmo. [Risos]. P. G.: [...] Teve oportunidade de estudar? M. L.: Tive, mas muito pouca,/?/ se eu estudei só a 3º série por causo que /?/ a minha mãe era muito doente /?/ e eu tinha, e tinha os meus irmãos né, *hum hum*, ai eu tinha que tomar conta deles e ainda socar arroz ni pilão ainda pra dar comida pra eles ainda [...]nóistinha que buscar água ainda no córrego ainda pra esquentar água pra todo mundo banhar ainda e os meus tios ainda morou mais nós ainda,*hum hum*, tinha que buscar agua lavar roupa de todo mundo longe e ainda o meu irmão era piquinhotinha que levar ele também a bacia de roupa e ele despendurado, esganchado [Risos] ainda na cintura da gente pra gente, pra gente lavar roupa. P. G.: Mas, assim se for pra você ler, você ler, escreve [Sobreposição de Falas] normal? M. L.: Não, eu leio muito pouquinho, *hum*, e uma também que eu da vez que eu /?/ estudei com comadre C. muito pouco, ã, e a minha vista ai também dai foi ficando ruim né pra mim escrever /?/ até o meu nome tá difícil[...]. P. G.: [...] o que você gosta de fazer? Igual mesmo de folia, você gosta de participar dessas coisas, veio com a sua família [Sobreposição de falas]? M. L.: Eu gosto de participar! Meu avô também soltava muita folia também né, meu pai também mais a minha mãe a gente né /?/ [...]a tradição deles né e vai ai, *hum hum*, nós também soltou nóis soltou uns tr depois que a avó d S. faleceu nós soltou uns quatro anos folia depois que nós mudou aqui para o São Domingos que nós parou [...]. P. G.: E as brincadeiras, quais as brincadeiras que vocês brincavam? M. L.: A gente era ruim a gente a gente quase nem brincava e eu mesmo também já cuidava dos meus irmãos né, *hum hum*, quando precisava de alguma coisa tinha que correr e e rumar eu pode falar que eu não tive esses brinquedos igual as meninas brinca ai não. Enquanto não tava cuidando deles eu tava socando arroz outava buscando agua e chegava já tava cansada. ...P. G.: E hoje assim igual, esse negócio de televisão, de rádio, o quer que você mais gosta? [Sobreposição de falas]. M. L.: Eu gosto de um jornal assim né a gente ver as notícias agora ta ruim da gente assistir este negócio de televisão só ver morte só ver morte né [Risos] antigamente antigamente não tinha isso não agora, agora pra frente só ta vendô pai matando é filho matando pai filho /?/ não dar, nem vontade de assistir televisão mais não quase não tatenomais..um radinho também é bom né? Ouvir uma musiquinha né? [...]. P.G.: Mas a sua sempre vida foi voltada para o campo também né? A minha vida foi voltada só para o campo mesmo eu nunca tive assim. P. G.: Sempre no trabalho de casa ou você chegou trabalhar fora assim? M. L.: Não eu trabalhei fora uma vez, mais a minha tia a que faleceu, trabalhava até mais num restaurante mais ela, *hum*, depois não guenteificar lá e vim

embora. P. G.: Mas, sempre com trabalho de casa? M. L.: Sempre com o trabalho de casa. P. G.: Cozinhando? M. L.: É Cozinhando. P. G.: Cuidando da família? M. L.: É cuidando da família /?/. P. G.: E hoje, quando você olha assim pra hoje, e vê as mudanças que teve o que você acha mais diferenteassim, que você gosta assim que queria ter tido oportunidade e não teve? M. L.: [...] eu queria ter estudado né, que hoje pra gente sair hoje sem estudo táédifícil pra gente, eu até que tem hora que pro um lado eu queixo pro meu pai mais a minha mãe, mas, só que eles viviam muito doente né, *humhum*, eu tinha ficar em casa cuidando. P. G.: Você assumiu o papel deles? M. L.: É eu que assumi o papel deles, meu pai só vivia na roça trabalhando e a minha mãe tinha que sair pra tratar ai eu ficava lá. P. G.: Como você era a irmã mais velha! M. L.: [...] mamãe não foi a mãe deles não quem foi a mãe deles foi eu. P. G.: E quantos irmãos vocês eram? M. L.: Eram set, nós somos sete. [...] P. G.: E sempre você veio dessa cultura católica /?/?M. L.: É /?/, é católicamesma. ...P. G.: Seus pais assim conseguia escrever, assinar o nome deles não. Nunca tiveram oportunidade de ir pra escola? M. L.: [...] meu pai conseguia, *hum*, até ler ele lê e rumavaagora a minha mãesó assinava o nome dela mesmo e agora meus irmãos todo munda sabe ler, só eu mesmo. [...]. É porque, antigamente a gente não tinha energia né agoraa gente já tem né, quem morava na roça era lamparina, quase não tinha esse negócio de vela, [...] era lamparina era lampião né e QUEM tinha né [...] buscava agua no rio, ichi, cansei de buscar água ne rio [...] socar arroz pra todo mundo porque todo mundo tocava roça [...] era tinha vez que eu socava duas lata de arroz por dia. [...]. P. G.: Desde quantos anos você assumiu essa liderança? M. L.: Desde eu nova foiantes de eu casar com S. [...] acho que eu tinha uns dez anos [...] eu peguei essa /?/ responsabilidade pra mim é por isso que eu hoje por isso graças a Deus se for pra fazer de tudo acho no mundo um pouquinho que mulher faz eu acho que eu sei fazer [...]. Naquela época eu tinha saúde agora que eu não to valendo mais nada mais, mas, também já trabalhou muito também [...]é por isso que hoje não vale nada [...]. P. G.: E também tudo que vocês consumiam era o que vocês plantavam né? M. L.: Era o que plantava. Hoje não tinha esse negócio de comprar não né, era plantado [...] [Barulho de Cigarra]. P. G.: E hoje assim se fosse pra suas filhas e sua neta faz isso você acha que eles davam contam? M. L.: Eu acho que não. P. G.: Pra você comparar vida sua com a vida delas assim o que você tem a dizer assim [...]? M. L.: [...] eu acho que elas não fazem nem a metade do que eu fazia [...]. P. G.: Mas valeu a pena né, se fosse? M. L.: É valeu a pena. Graças a Deus valeu a pena [...], porque, hoje eu não tenho se for pra fazer alguma coisa eu não tenho preguiça não. [...]. P. G.: E assim, uma coisa que você não fez e quer que as suas filhas fazem, uma oportunidade assim? M. L.: Fazer uma faculdade e estudar bastante ..é isso que eu quero pra elas e pra minhas netas. P. G.: E quando você olha pra C. estudando como é que você fica? M. L.: Eu acho bom [...].Difícil foi mais foi /?/ bom a gente aprendeu a fazer de tudo também né, eu se for preciso eu trabalho na roça também já trabalhei na roça muito também. P. G.: De tudo? M. L.: De tudo. [...]. P. G.: E assim dos serviços que você faz qual o serviço que você mais gosta de fazer? M. L.: Cozinhar. P. G.: Cozinhar. M. L.: É. [...].Qualquer coisa eu faço. P. G.: Não faz diferença se é pra cinco ou se é cinquenta? M. L.: Não. Não faz diferença pra nada. [...].



✓ **MÃE (III) - Entrevista realizada no dia 14 de abril de 2014 em Buritis no período da noite.**

2. **S.:** Mora em Buritis, tem 29 anos, casada, mãe de três filhas, é pizzaiola e conta com o auxílio do Bolsa Família.

[Barulho de criança] P. G.: Nome? S.: S. P. G.: Quantos anos? S.: 29. P. G.: Onde você nasceu? S.: Em Buritis, nessa região mesmo, Buritis. P. G.: Hum. Qual a sua profissão? S.: Pizzaiola. P. G.: Até que série você estudou? S.: 8ª. P. G.: 8ª. Qual o meio de comunicação você tem mais acesso? S.: O celular. P. G.: O celular substitui tudo? O livro, a internet? S.: Ahrã. (Risos). P. G.: Ai você faz leituras pelo celular? S.: Ahrã. P. G.: Quais são as brincadeiras que você, mais brincou na sua infância? S.: Ah, pique esconde. P. G.: Pique esconde. Qual a origem de seus pais? S.: Ah, meu meus pais são daqui mesmo Gabriela. P. G.: [sobreposição de falas] Quais são os eventos que você participa? [sobreposição de falas] Se participa. S.: (Risos) NENHUM. P. G.: Nenhum! Mais assim um que você gosta? S.: O que eu mais gosto? P. G.: É. Alguma coisa que chama mais atenção. S.: Há eu gosto eu gosto mais /?/ a festa do [barulho de carro] Carro de Boi. P. G.: A festa do Carro de Boi. [barulho de crianças]. ... [...] Tem religião. Qual a sua religião? S.: Ah, eu sou evangélica. [...]. P. G.: Então o seu sustento vem da sua profissão de pizzaiola? S.: É, hum rum é .. P. G.: Tem acesso a algum programa social. S.: Há o Bolsa Família [...]. P. G.: /?/ teve oportunidade de estudar? S.: Olha Gabriela, eu te fa quando eu engravidei de B. eu tava com 14 anos ai eu parei, ai voltei, e depois parei de novo e como eu tenho as pequenas e o meu serviço eu penso assim, não vou trocar o meu serviço para terminar os estudos, mas, se eu tivesse oportunidade eu gostaria de voltar. P. G.: Ainda vai ter /?/ em que área você gostaria? S.: Eu gostaria de ser veteri eu gostaria de fazer uma faculdade para veterinária.[...].P. G.: Olhando assim, comparando a sua infância com a da B. quais são as principais mudanças que você ver? S.: A B. a mesma infância minha foi a dela por que (risos). P. G.: Não assim você não ver mudança nenhuma? S.:Eu não. [...]. P. G.: O que aconteceu há quinze anos atrás com você está acontecendo o mesmo com ela, mesmo não teve mudança nenhuma? S.: Há eu acho que não. P. G.: E em relação ao seu pai? Quais são as principais mudanças da sua vida para o do seu pai agora? S.: Há meu pai meu pai foi muito sofrido a vida dele viu a infância dele. P. G.: Em que sentido? S.: AH eu acho para a B. não porque nunca foi sofrido porque [Barulho de carro] a gente era pequena a gente ficava na roça levantava de manha cedo, sabe. Eu levanta eu levantava três horas da manha para ir para ir tirar leite. Os pais da gente antigamente eram muitos rígidos a gente não podia assistir uma televisão [barulho de carro] hoje menino tem acesso a tudo a tudo. Celular eu fui ter meu celular tava com vinte anos, B. com.. treze anos, quatorze anos antes de doze anos já tinha um celular. P. G.: Ai são essas principais diferenças que você ver? S.: Ahrã. P. G.: E assim igual mesmo você levava cedo para trabalhar não pra ir pra escola? S.: Depois que nos ia pra escola depois de umas seis horas que ia pra escola. P. G.: Você levantava três horas da manha, S.: ahrã, P. G.: fazia o serviço [sobreposição de falas] pra depois ir pra escola? S.: Ahrã. P. G.: Ainda ia a pé? S.: Tinha o ônibus o ônibus passava lá..lá na es-

trada lá embaixo. P. G.: Há então já tinha transporte? S.: Ahrã. P. G.: Mas, você estudava nessa época no campo? S.: Não a gente estudou, teve uma vez [sobreposição de falas] /?/ a minha primeira a minha primeira escola /?/ foi no campo, P. G.: hum, S.: mais ai depois a gente já ia pra Vila Maravilha. [...]. E depois foi Cristalina, a gente levantava cia gente pegava o ônibus cinco e mei a gente saia de casa umas cinco horas para pegar o ônibus cinco e meia a gente tinha que andar longe pra pegar o ônibus ai você /?/ rodava rodavarodava até /?/ chegar na escola sete horas. P. G.: Ai nesse tempo não dava, ai mesmo assim vocês ainda lentava cedo ajudava seu pai pra depois ir pra escola? S.: Não, /?/ depois de que a gente foi para Cristalina não, meu pai, era poucas vacas, mais mesmo assim eu ainda ajudava ele. P. G.: Ai quando chegava em casa tinha ajudar nos serviços de casa? S.: Ah, eu nunca fui de gostar do serviço de casa (risos). P. G.: Então você pegava no pesado mesmo. [Sobreposição de falas]. De ir pra roça [Sobreposição de Falas]? S.: Eu não gostava de serviço de casa não eu mais C. nos brigava por causa do serviço de casa (risos). P. G.: Já era o outro lado pra ajudar no sustento de casa. Vocês iam para a roça capinavam, [Sobreposição de Falas] tirava leite [...]. S.: /?/ andava de cavalo /?/ adorava andar de cavalo. P. G.: E era feliz? S.: OXÊ, como era viu. Igual eu falo hoje [barulho de carro] /?/ os meninos de não é igual os de antigamente parece que não é feliz igual antigamente. P. G.: Antes você não tinha quase nada. S.: E era feliz. P. G.: E hoje tem acesso a tanta coisa. S.: E não tem essa empolgação toda. [...].

✓ **FILHA (III) – Entrevista realizada no dia 14 de abril de 2014 em Buritis no período da tarde.**

3. **B.:** Mora em Buritis com o pai, tem 14 anos e estuda.

[...] P. G.: Hum, mas, hoje você ta morando aqui em Buritis? B.: É né. P. G.: Hum. Série, que você está fazendo? B.: 9°. P. G.: 9° ano? B.: Ahrã. P. G.: Ah! Trabalha? B.: Não. P. G.: Não trabalha. Que profissão você pretende seguir? B.: Ainda não pensei. P. G.: Pensou ainda não! O que você gosta de participar? Assim, de alguma festa, algum evento, quais são os lugares que você mais gosta de ir? B.: Ne festa! P. G.:Ne festa! Qualquer festa? B.: Ahrã. P. G.: Seja no campo seja na cidade? B.: Qualquer uma. P. G.: Tem preferência do lugar onde mora: cidade ou campo? B.: Qualquer um pra mim da. P. G.: Não faz diferença? [Sobreposição de falas] B.: Não! P. G.: [...]Qual o meio de comunicação você tem acesso? B.: Ah, o celular, internet, e o facebook (risos) nem o rádio mais (risos) [Sobreposição de falas] o celular não deixa. (risos). P. G.: Tem mania de ler? B.: Só as mensagens que chegam celular (risos) só. P. G.: E as atividades da escola, os livros didático? B.: ALGUMAS, [Sobreposição de falas] [risos], e a professora ainda bota a gente pra ler valendo ponto ainda. P. G.: Hum. Fala um pouco da sua infância, assim, você brincava? Hoje você já não brinca só internet, facebook, (risos) quais são as brincadeiras assim. B.: Antigamente..brincava não, [Sobreposição de falas] só dentro de casa mesmo assistindo televisão a única coisa. P. G.: Então você envolvia assistindo televisão? B.: Ahrã. P. G.: [...] Tem religião? B.: Católica. P. G.: Católica. ... [...] quando você olha em relação, assim, a seu avô e a sua mãe o que você acha que mudou pra você? Quando você olha vivência do seu avô, B.: Muita coisa, P. G.: e da sua mãe. O quê? O

principal que você acha que é diferente? B.: Por que com o meu avô era mais liberdade e com a minha mãe já não é né. P. G.: Você tem mais liberdade com os seus avôs do que com a sua mãe? B.: Ahrã. P. G.: Em questão o modo de viver, as coisas que você tem acesso hoje que a sua mãe não teve acesso, por exemplo, a sua mãe não tinha acesso à internet né? B.: Tinha não. P. G.: Pois é. E o seu avô então? B.: Piorou ainda. .. P. G [...] Você não quer me da entrevista B.? B.: UAI! Eu tou dando. [Risos] P. G.: O que você sente mais falta assim em relação, hoje você mora aqui em Buritis, do campo, lá da casa dos seus avôs? B.: O silêncio, a paz. P. G.: Aqui você não tem? B.: Aqui não /?/ [Barulho de moto] só escuta barulho. P. G.: Quantos anos você morou com o seu avô? [Barulho de moto] B.: .. Seis anos. P. G.: Seis anos, /?/ [Barulho de moto] desde quando você nasceu você foi morar com seus avôs? B.: Não, desde os meus seis anos. P. G.: Desde os seus anos e agora você voltou para Buritis. B.: Hum rum. P.G.: Mais você nasceu na cidade né? Nasceu e estudou na cidade? B.: Hum rum. [...].